

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE - UFF
INSTITUTO DE HUMANIDADES E SAÚDE – IHS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA - RPS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

**O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A
INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NESTE
PROCESSO: UMA REFLEXÃO À LUZ DA
GESTALT-TERAPIA**

LETÍCIA VIEIRA DE SOUZA



RIO DAS OSTRAS

2016

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE HUMANIDADES E SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LETÍCIA VIEIRA DE SOUZA

**O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NESTE
PROCESSO: UMA REFLEXÃO À LUZ DA GESTALT-TERAPIA**

RIO DAS OSTRAS - RJ

2016

LETÍCIA VIEIRA DE SOUZA

**O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NESTE
PROCESSO: UMA REFLEXÃO À LUZ DA GESTALT-TERAPIA**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado ao curso de Bacharelado
em Psicologia da Universidade
Federal Fluminense, como requisito
parcial para a conclusão do Curso de
Psicologia.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a PATRICIA VALLE DE ALBUQUERQUE LIMA

Rio das Ostras - RJ

2016

SOUZA, Letícia Vieira de.

O desenvolvimento infantil e a influência da família neste processo:
uma reflexão à luz da Gestalt-terapia. / Letícia Vieira de Souza. Rio das Ostras:
2016.

69 f.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Patricia Valle de Albuquerque Lima

Trabalho monográfico de conclusão de curso (Graduação em Psicologia).

Universidade Federal Fluminense. Instituto de Humanidades e Saúde, 2015.

Referências Bibliográficas: f. 65 – 69.

1. A abordagem gestáltica: pressupostos filosóficos, teorias de fundo e conceitos básicos.
2. Uma visão de desenvolvimento infantil na Gestalt-terapia.
3. A influência da família no desenvolvimento infantil.

Monografia – I – Título de Psicólogo

LETÍCIA VIEIRA DE SOUZA

**O DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A INFLUÊNCIA DA FAMÍLIA NESTE
PROCESSO: UMA REFLEXÃO À LUZ DA GESTALT-TERAPIA**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao curso de
Bacharelado em Psicologia, como
requisito parcial para conclusão do
curso.

Aprovado em: __/__/2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Patricia Valle de Albuquerque Lima – UFF
Orientadora

Prof^ª. M^a. Lúcia Adriana Salgado Affonso Anhel - UFF

Prof^ª. Dr^ª. Suzana Canez da Cruz Lima - UFF

Rio das Ostras

2016

À minha família, noivo, colegas de profissão e
às nossas próprias crianças que ainda estão vivas
em nós, com carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida e pelas oportunidades proporcionadas a mim.

Aos meus queridos pais e irmãos, por todo o incentivo, força, investimento e por sempre acreditarem que seria possível.

A Darlan, por todo o cuidado, compreensão, incentivo e amor durante esta caminhada. Com certeza foram essenciais neste processo.

A todos os meus familiares e amigos que enriqueceram esta etapa com tantas pérolas.

A minha querida orientadora e supervisora de estágio Patricia Lima (Ticha), que com tanta sabedoria, paixão e delicadeza me apresentou a Gestalt-terapia, pela qual sou apaixonada hoje. Sua disponibilidade, ajuda e conhecimentos compartilhados foram imprescindíveis nesta caminhada, além da pessoa maravilhosa que você é.

As minhas lindas companheiras de estágio que se dispuseram de todas as formas possíveis nesta caminhada. Compartilhar de tantos momentos, trocas e desta amizade com vocês foi primordial.

A todo corpo docente de psicologia do CURO que, mesmo com as poucas condições físicas do nosso espaço, sempre acrescentaram com seus conhecimentos e com as riquíssimas aulas.

A minha supervisora de campo do estágio no hospital, Teresa, por toda a acolhida e pela sua leveza na profissão e na vida.

Aos meus clientes queridos que tanto me ensinaram e me fizeram estudar e buscar sempre mais conhecimento.

E a todos os que passaram ou influenciaram direta ou indiretamente a minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo entender como as relações familiares podem influenciar no desenvolvimento da criança, considerando que este é o primeiro contexto do qual ela faz parte, sendo assim de grande significado para a mesma. Do ponto de vista da abordagem gestáltica a família é um sistema que influencia e é influenciado pelas partes que o compõe, sendo também uma totalidade que buscará sempre o equilíbrio. Este tema será melhor apresentado no decorrer desta monografia. A partir da pesquisa bibliográfica traçamos, então, uma discussão a respeito do desenvolvimento infantil para assim apresentarmos como a família se faz presente neste processo de acordo com a Gestalt-terapia. Muitas vezes o sintoma da criança é o revelador de entraves e dificuldades no contexto mais amplo: a família. Desta forma, acreditamos que este trabalho trará subsídios teóricos e reflexões para a prática de psicoterapeutas infantis e, também, para profissionais de outras áreas que pensam e discutem o desenvolvimento infantil.

Palavras-chave: Gestalt-terapia; Desenvolvimento infantil; Família.

ABSTRACT

This monograph aims to understand how family relationships can influence the development of the child, considering the fact that this is the first context in which him/her takes part of and therefore it has great significance for him/her. From the point of view of gestalt approach, the family is a system that influences and is influenced by the parts that compose it, also being a totality that always seeks for balance. This theme will be better presented in the course of this monograph. From the literature reviewed, we draw some discussions about the child's development, and then we introduce how family is present in this process according to Gestalt therapy. Often, the child's symptom is the revealer of obstacles and difficulties in the broad context: the family. In this way, we believe this work will bring theoretical subsidy and reflections to the practice of children psychotherapists and also to professionals from other areas that think and discuss the child development.

Keywords: Gestalt therapy; Child development; Family.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
I. A ABORDAGEM GESTÁLTICA: PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS, TEORIAS DE FUNDO E CONCEITOS BÁSICOS.	14
I.1 PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS	15
I.2 TEORIAS DE FUNDO	20
I.3 CONCEITOS BÁSICOS DA GESTALT-TERAPIA	27
II. CONCEITUAÇÃO DE FAMÍLIA NA ABORDAGEM GESTÁLTICA.....	40
II.1 DA FAMÍLIA MEDIEVAL À FAMÍLIA MODERNA: UM RECORTE HISTÓRICO.	40
II.2 A FAMÍLIA NA PERSPECTIVA GESTÁLTICA	42
III – UMA VISÃO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA GESTALT-TERAPIA.	47
III.1 A VISÃO DE HOMEM NA GESTALT-TERAPIA.....	47
III.2 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PERSPECTIVA GESTÁLTICA..	49
III.3 A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES FAMILIARES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A FUNÇÃO DA FAMÍLIA NESTE PROCESSO.	57
CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

INTRODUÇÃO

De acordo com a abordagem gestáltica, a família é vista como uma totalidade autorregulada¹, sendo inserida em outras totalidades e constituída pelos indivíduos que a compõem, estando estes a todo tempo afetando e sendo afetados uns pelos outros, em constante interação, buscando sempre a melhor maneira de se ajustarem, de se autorregularem. (AGUIAR, 2014)

Tendo em vista que para gestalt-terapia o ser humano é um ser autorregulado, relacional e contextual, é importante destacar o contexto familiar como sendo de grande significado para o desenvolvimento e o funcionamento saudável da criança, considerando que este é o primeiro contexto do qual ela faz parte, sua importância nos primeiros anos de vida e também o forte vínculo de dependência existente entre ela e a família. (OAKLANDER, 1980)

Muitos acham que as crianças não são atingidas pelos conflitos familiares e sociais, que a criança tem um mundo particular no qual vive alienada dos acontecimentos da vida, não estando vulnerável a sofrimentos, ansiedades, habitando no seu mundo de fantasias e brincadeiras. Contudo, o que pretendo abordar neste trabalho é exatamente o oposto; é mostrar que a criança está ligada ao mundo, às coisas que estão ao seu redor, e, principalmente, ligada àqueles que lhe possuem um grande significado, sendo totalmente influenciada e movida pelas vivências destes e experiências de seu contexto, que podem ser por vezes traumáticas, afetando seu comportamento, emoções, e sua forma de ver a si mesma e ao mundo.

Antony (2009) irá dizer que quando a família está adoecida em suas relações afetivas, a criança, com grande probabilidade, apresentará alguma doença emocional, que geralmente é originada dos dramas infantis não resolvidos dos pais que são refletidos por eles na criança e absorvidos por ela.

Sendo assim, gostaria de apresentar o papel da família no desenvolvimento da criança, mostrando que sua dinâmica de funcionamento poderá influenciar positiva ou negativamente no processo de desenvolvimento da mesma.

Este é um tema de grande importância, pois promove uma reflexão sobre a realidade das experiências das crianças, esclarecendo que elas estão ligadas ao meio externo, sendo em grande parte influenciadas por ele e pelas relações fortes que

¹ Este conceito de autorregulação abordaremos no decorrer desta monografia.

estabelecem, principalmente no âmbito familiar. Em algumas situações as relações familiares também podem ocasionar experiências traumáticas. Com isto, supõe-se que esta reflexão auxiliará em diferentes trabalhos que envolvem crianças, como o de psicólogos, pedagogos, orientadores educacionais e assistentes sociais, pois estes também são acionados para auxiliar em questões familiares conflituosas, nas quais, muitas vezes a queixa inicial é a criança. Então, esta monografia poderá permitir a compreensão de que existe algo além desta criança, algo que é proveniente das relações familiares, e esta, muitas vezes, pode ser a chave do trabalho a ser desenvolvido com este grupo.

Esta reflexão aqui apresentada também pode ser de grande importância, principalmente para os psicoterapeutas que atendem crianças, pois conhecendo como as relações familiares atravessam a criança em seu desenvolvimento é possível pensar em possibilidades de saídas destas situações conflituosas, permitindo elaborações que promovam mais saúde e menos doença a estes indivíduos, fazendo com que o equilíbrio do organismo seja recuperado de forma eficaz.

A abordagem gestáltica capacita o terapeuta para fazer este trabalho, pois seu objetivo é justamente este, o de restaurar o contato nutritivo do próprio cliente com ele mesmo e com o meio no qual está inserido, auxiliando-o na consciência de si e do mundo, dos seus sentidos e corpo, possibilitando a retomada do equilíbrio no organismo.

Desta forma, o objetivo geral desta monografia é entender como as relações familiares podem influenciar no desenvolvimento da criança, tendo como objetivos específicos: refletir como se dá o desenvolvimento da criança a partir da Gestalt-terapia e auxiliar na compreensão de psicoterapeutas infantis, assim como de profissionais de outras áreas acerca do tema.

O referencial teórico usado foi o da abordagem da Gestalt-terapia, sendo esta uma abordagem fenomenológico-existencial. Ela é considerada uma terapia do contato, onde a todo momento estamos em contato com o meio, e através deste, o funcionamento humano pode tornar-se saudável ou disfuncional e também possui uma visão holística de homem e mundo, sendo um constituinte do outro. (ANTONY, 2009). Sendo assim, este referencial teórico é indicado para a fundamentação deste trabalho, pois veremos o desenvolvimento da criança dentro do contexto familiar, sendo esta uma relação de contato e também holística.

A metodologia adotada foi de revisão bibliográfica. Recorri, então, a autores como Perls, Hefferline e Goodman (1997), Perls (1997; 2011), Ginger e Ginger (1995), D'Acri, Lima, Orgler (2012), Polster e Polster (2001), Ribeiro (1985; 2007), Tellegen (1984) e Yontef (1998) para falar sobre a visão de homem da Gestalt-terapia, falando também um pouco sobre as bases desta abordagem; Aguiar (2014), Antony (2006) para apresentar a visão de desenvolvimento do ser humano dentro da perspectiva da Gestalt-terapia; Aguiar (2014), Oaklander (1980), Antony (2006; 2010), Zinker (2001) e Miller (1997) para falar sobre a visão de família na Gestalt-terapia e o seu papel no desenvolvimento da criança, assim como Ariès (1978) para uma breve contextualização da história da família. Além destes livros, recorri a artigos publicados nos últimos 15 anos, na base scielo e também em Revistas de Gestalt, que abordem o tema do desenvolvimento infantil, da criança no contexto familiar, e que falem sobre família e as suas relações, sendo estas saudáveis ou adoecidas.

Sendo assim, no primeiro capítulo apresentaremos a Gestalt-terapia, passando pelo seu surgimento, pressupostos filosóficos, teorias de fundo e conceitos básicos, pois os mesmos aparecerão e influenciarão todo o decorrer deste trabalho. Desta forma, também delimitamos a abordagem da psicologia que trabalharemos.

No segundo capítulo, passaremos por um breve histórico sobre como as famílias foram se modificando até chegar à família moderna; e assim, depois, faremos uma reflexão sobre a concepção de família na abordagem gestáltica.

Por fim, no terceiro capítulo apresentaremos a visão da Gestalt-terapia sobre o desenvolvimento infantil, falando também sobre o papel e a influência da família neste processo.

I. A ABORDAGEM GESTÁLTICA: PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS, TEORIAS DE FUNDO E CONCEITOS BÁSICOS.

A Gestalt-terapia teve seu início oficial na década de 50, nos Estados Unidos com Frederick Perls, sua esposa Laura Perls e tendo a participação também de um grupo de intelectuais da época, denominado “Grupo dos Sete” (Isadore From, Paul Goodman, Paul Weisz, Sylvester Eastman, Elliot Shapiro, Ralph Hefferline, Laura e Fritz Perls). Perls era judeu alemão, e por causa da invasão nazista, fugiu da Alemanha em 1933, indo para Holanda e trabalhando em Amsterdã. Por muitos anos, ele havia frequentado instituições de psicanálise, e foi em 1934 que ele e Laura recebem o convite de Ernest Jones para irem para África do Sul implantarem uma sociedade de psicanálise. Exercendo então a prática psicanalítica em Johannesburgo, eles começaram a repensar alguns dos aspectos desta escola, do qual foram muito criticados, gerando certa desilusão em Perls. Com isso, em 1942 houve o lançamento da obra “*Ego, Hunger and Aggression*”, propondo novas sustentações teóricas que foram adotadas mais tarde pela Gestalt-terapia. Aos poucos, começam a pensar na possibilidade de uma nova abordagem, a Gestalt-terapia, que teve como sua marca de início a obra “*Gestalt Therapy Excitement and growth in the human personality*”, em 1951. Esta nova abordagem, então, propunha abandonar o viés psicanalítico para centrar-se no método fenomenológico, no qual valorizava o fenômeno como aquilo que acontece no momento presente. “A Gestalt-terapia não apenas reagiu à psicanálise, mas iniciou uma revolução, que estava firmemente enraizada na crença básica do poder das capacidades humanas.” (YONTEF, 1998, p.119)

Ferraz (2012) aponta que a abordagem gestáltica traz em si uma perspectiva global, holística (sendo homem e mundo um constituinte do outro), visa experimentar e promover o potencial criativo do ser humano, o resgate do se estar consciente (*awareness*), buscando o bem-estar harmonioso e o equilíbrio do organismo. E diz que: “É difícil encontrar uma definição sumária para Gestalt-terapia, já que a própria teoria propõe uma consciência que não se limite ao âmbito do racional, mas inclui a dimensão corporal e sensorial; enfatiza a experiência vivida, o contato e o diálogo.” (FERRAZ, 2012, p.139) Ginger e Ginger (1995) irão dizer que esta abordagem serve para “qualquer pessoa (ou organização) que esteja procurando desabrochar melhor seu

potencial latente, não só um melhor-ser, mas um mais-ser, uma qualidade de vida melhor.” (GINGER; GINGER, 1995, p.15)

Na constituição da Gestalt-terapia vemos a influência de vários pressupostos filosóficos e correntes teóricas, que juntos formaram uma abordagem fenomenológico-existencial, possibilitando a construção de uma forma particular de ver o homem, o mundo e suas relações. As correntes filosóficas mais importantes que contribuem para a Gestalt-terapia seriam o humanismo, o existencialismo e a fenomenologia. Segundo Ribeiro (1985), é nesta tríplice visão que o homem se torna inteligível e com isso os modos de abordá-lo se tornam mais eficazes. A seguir as descreveremos mais minuciosamente.

I.1 PRESSUPOSTOS FILOSÓFICOS

I.1.1 Humanismo

Em seu texto “*A psicologia humanista*”, Buys (2007) aponta que o termo humanismo surgiu entre o final do século XIV e o início do século XV, no Renascimento. Este termo denominava tanto um aspecto literário quanto um viés filosófico, que carregava a preocupação com o valor do homem e a tentativa de compreendê-lo em seu mundo. É um movimento filosófico que é caracterizado por um conjunto de ideais e princípios que valorizam as ações humanas e valores morais. Ele é definido pela volta do olhar ao homem e às questões realmente humanas (amor, ódio, medo, solidão, saúde, beleza, virtude). Podemos dizer que o humanismo busca trazer o homem e a sua história para o centro do debate, o homem torna-se senhor do seu tempo e do seu mundo.

De acordo com Ribeiro (1985), com o humanismo o homem é capaz de autogerir-se, autogovernar-se, buscar sua autorrealização, podendo tomar posse do seu destino, e sendo um completo vir-a-ser que está em constante transformação e mudança, nunca se apresentando como algo estático ou estagnado. Conceber o homem como um ser estático é não compreender o homem em sua essência. O autor irá dizer que o humanismo tem sido a tentativa do homem de compreender-se, de fazer-se

compreendido, buscando uma harmonização, um equilíbrio; e, desta forma, tentando se firmar e ser reconhecido como pessoa, colocando-o em incessantes buscas, e se encontrando assim em uma constante luta consigo mesmo e com os outros.

Segundo Gomes, Holanda e Gauer (2004), o humanismo aparece na oração da Gestalt-terapia, valorizando a auto-expressão do homem.

Eu faço minhas coisas, você faz as suas. Não estou neste mundo para viver de acordo com suas expectativas, e você não está neste mundo para viver de acordo com as minhas. Você é você, e eu sou eu; e se por acaso nos encontrarmos é lindo, se não, nada há a fazer. (PERLS, 1977, p.17)

De acordo com Ribeiro (1985), com a frase de Pitágoras “o homem é a medida de todas as coisas”, podemos entender que quando se diz que o homem é o centro de todas as coisas, não se está dizendo que o homem é absoluto, um senhor prepotente do universo, suficiente em si mesmo, mas significa que o universo deve ser pensado a partir do homem, pois tudo, como guerras, reformas, instituições, etc., só tem sentido se for feito a partir do homem e para o homem; se for feito de outra forma o mundo estará caminhando para uma desumanização.

Desta forma, Lara (1999) irá nos dizer que os séculos do humanismo foram marcados por uma sensação de ruptura de horizontes, que antes eram tidos como limitadores, e por um esforço em abrir caminhos novos e variados.

Ribeiro (1985), considerando que toda psicoterapia envolve uma visão do homem, afirma que a Gestalt-terapia caminha ao lado das psicoterapias humanistas, promovendo a ideia do homem como centro, sendo visto como autêntico, ativo, um ser capaz de se autogerir e regular-se. A psicoterapia irá trabalhar diretamente com o que existe de positivo na pessoa, com seu potencial de vida, fazendo com que ela tome posse de si mesma e do mundo. Esta forma de psicoterapia não deixará de lado aspectos como limitações, barreiras, fracassos e impossibilidades de mudanças, mas buscará fazer uma reflexão a partir dos aspectos positivos, do criativo, do que ainda pode ser usado como transformador, pois, muitas vezes, o cliente não se dá conta de que o que ainda lhe resta pode ser a chave para a sua mudança. Sendo assim, a psicoterapia humanista irá possibilitar o resgate desses aspectos positivos que estão à disposição do cliente utilizando-os para a sua recuperação.

I.1.2 Existencialismo

“O termo ‘existencialismo’ se refere a um marcante movimento, na filosofia e em vários ramos da cultura, que se caracteriza por uma compreensão e concepção particulares da existência.” (FONSECA, 2012, p.104)

Como nos apresenta Sá (2007), surge entre 1918 e 1945, no período entre as duas guerras mundiais, enquanto movimento filosófico e cultural, no eixo intelectual entre a Alemanha e a França. Este movimento recebeu influências de autores como F. Nietzsche, de M. Heidegger, E. Husserl, S. Kierkegaard, mas teve como seu principal articulador o filósofo francês Jean-Paul Sartre.

Sartre elabora uma das expressões mais importantes deste movimento: “a existência precede a essência”. Fonseca (2012) nos diz que esta expressão vem cunhada do significado de que a existência não tem um valor ou sentido predefinidos. O ser humano só existe em intrínseca correlação com o mundo, “só pode ser compreendido, de fato, por ele mesmo através de uma experiência direta do seu ser no mundo.” (RIBEIRO, 1985, p.34) É por meio deste existir que temos a possibilidade de criarmos, com toda a nossa potência, liberdade, escolhas e responsabilidades. Desta forma, Ewald (2008) diz que falar de existencialismo é falar diretamente da existência humana, entendendo a existência como modo de ser do homem no mundo.

Em Ribeiro (1985), vemos que segundo Heidegger, o homem é o único ser que existe, sendo este o seu modo característico de estar no mundo; enquanto que as outras coisas simplesmente são, pois não possuem linguagem, sentimentos, pensamentos. Estando sempre em relação com o mundo para constituir-se, o homem tem que criar-se diariamente, se descobrindo e se definindo dia após dia.

Borges, Capelli, Azevedo e Vieira (2009) nos apontam que para Sartre, o homem é liberdade, tendo a capacidade de fazer-se continuamente, escolhendo a cada momento o que será no instante seguinte. Porém, esta liberdade que constitui o homem em Sartre não é absoluta, pois ao mesmo tempo ela precisa ser responsável, tendo em vista que vivemos em um mundo concreto, que nos antecede e que possui suas normas.

Em sua obra, *Gestalt-terapia explicada*, Perls (1977) nos mostra a presença do existencialismo em sua teoria, onde o objetivo da Gestalt-terapia seria o de proporcionar o desenvolvimento do potencial humano e assim, promover o crescimento, e para alcançar este objetivo só teríamos um caminho: “tornar-se real, aprender a assumir uma

posição, desenvolver seu centro, compreender a base do existencialismo: [...] Eu sou o que sou, e neste momento não posso ser diferente do que sou.” (PERLS, 1977, p.16)

Segundo Ribeiro (1985), uma das funções da psicoterapia existencial é fazer com que o homem se interprete e encontre seu lugar no mundo. Tanto no existencialismo como na Gestalt-terapia, o homem é o senhor de si próprio, e neste sentido se aproximam, pois privilegiam o ser humano como ser que se possui, sendo livre e responsável. Estas correntes também se encontram no conceito do aqui e agora da Gestalt-terapia, pois o homem como um ser em relação com o mundo, em constante transformação, é no aqui e agora presente que pode tornar-se cada vez mais consciente de si próprio, a partir da experiência vivida no agora. E através disso, conseguiremos ver caminhos de como se estar no mundo de uma forma geral, buscando pistas de como o homem atua e realiza seus projetos.

Ginger e Ginger (1995) resumem que do existencialismo, a Gestalt-terapia reteve especialmente

o primado da vivência concreta em relação aos princípios abstratos. Pode ser considerado “existencial” tudo que diz respeito à forma como o homem experimenta sua existência, a assume, a orienta, a dirige. A autocompreensão para viver, para existir, sem se colocar questões de filosofia teórica, é existencial: é espontânea, vivida, não erudita (refletimos, mas só para agir); a singularidade de cada existência humana, a originalidade irreduzível da experiência individual, objetiva e subjetiva; a noção de responsabilidade de cada pessoa que participa ativamente da construção de seu projeto existencial e confere um sentido original ao que acontece e ao mundo que a rodeia, criando, inelutavelmente, a cada dia, sua relativa liberdade. (GINGER; GINGER, 1995, p.36)

Perls (1977), considera então que a Gestalt-terapia é umas das três abordagens existenciais: a Logoterapia de Frankl, a terapia do Dasein, de Binswanger, e a Gestalt-terapia. Contudo, a Gestalt-terapia é a primeira filosofia existencial que se mantém em si mesma, e que por ser baseada no existencialismo, não se ocupa em lidar apenas com estruturas de caráter ou sintomas, mas sim com a existência total da pessoa. Perls ainda sustentará a ideia de que “o existencialismo deseja se libertar dos conceitos, e trabalhar com o princípio da ‘presentificação’ (awareness), com a fenomenologia.” (PERLS, 1977, p.33)

I.1.3 Fenomenologia

Em seu texto *“As influências da fenomenologia e do existencialismo na psicologia”*, Sá (2007) nos apresenta a fenomenologia, originada a partir do pensamento de Edmund Husserl, trazendo a noção de que a atitude fenomenológica deve se basear apenas naquilo que se dá à experiência, da forma como se dá, e desta forma então, teríamos o fenômeno.

Ribeiro (1985) traz o significado da palavra fenômeno, sendo uma palavra de origem grega e próxima ao sentido de “manifestar-se, aparecer”. Com isso, ele define fenômeno como aquilo que aparece, sendo aparente na coisa ou a aparência da coisa. Desta forma, podemos dizer que o fenômeno é aquilo que se revela por si mesmo, porém, ele está sempre vinculado às experiências concretas do sujeito, nos mostrando que não é simplesmente o que está na aparência, existe um todo que o constitui, sendo o ser do fenômeno o que realmente interessa à fenomenologia e desta forma ela terá como objetivo buscar a própria essência das coisas.

Em AmatuZZi (2009) vemos que Husserl falava sobre o “voltar as coisas mesmas”, significando voltar ao que aparece na experiência, voltar ao fenômeno. Ele irá dizer que isso equivale a

um olhar para dentro de si procurando o que existe “na” consciência. Na fenomenologia essa volta seria muito mais à consciência como ato do que à consciência como lugar. O que aparece, então, é a característica de autotranscendência da consciência: a intencionalidade. Toda consciência enquanto ato é sempre “de algo”. Não existe consciência pura sem intencionalidade nenhuma, assim como não existe conhecimento puro sem intencionalidade nenhuma. (AMATUZZI, 2009, p. 95)

Desta forma, podemos dizer que o fenômeno ganha um sentido a partir da subjetividade da consciência, sendo que para a Fenomenologia a consciência é sempre a consciência de algo; e esta tem a intencionalidade como característica essencial, ligando a consciência do sujeito ao mundo e permitindo que o sujeito se relacione com o objeto.

Ribeiro (1985) irá dizer que:

A coerência fenomenológica não poderia ir a outro lugar, pois o homem é a expressão dele todo. Não há como dicotomizar, seja separando mente e corpo, sujeito-objeto, seja valorizando mais a um que a outro. A fenomenologia tenta recuperar o homem todo, prestando real atenção ao seu corpo que é o visível do invisível, que é o tocável do intocável, que é o experimental do inexprimível. (RIBEIRO, 1985, p.60)

Sendo assim, a psicoterapia fenomenológica não pode trabalhar com uma simples descrição do que se vê, mas deve interrogar o todo que aparece. O processo psicoterapêutico então fará com que o fenômeno venha à luz, tornando-se claro para o cliente e fazendo-o encontrar sua essência, a sua forma de ser e estar no mundo, afirmando o que Yontef (1998, p.16) diz: “O objetivo da exploração fenomenológica da Gestalt é a awareness ou o insight.” É o dar-se conta, o se tornar consciente do que está emergindo como fenômeno e de todo o processo, o *como* isso acontece.

I.2 TEORIAS DE FUNDO

A Gestalt-terapia, em sua constituição, vai se aproximar de algumas teorias que lhes servirão como base para estruturá-la como uma nova abordagem, sendo elas: a Psicologia da Gestalt, a Teoria de Campo, a Doutrina Holística e a Teoria Organísmica de Kurt Goldstein.

I.2.1 Psicologia da Gestalt

A Psicologia da Gestalt dá suporte para a Gestalt-terapia com alguns de seus princípios, sobretudo no que se refere ao modo de como a percepção se estrutura. Ginger e Ginger (1995) nos mostram que o primeiro estudo oficial, que fundou esta escola, apareceu em 1912 sendo marcada por Max Wertheimer, Kurt Koffka e Wolfgang Kohler. Assim, Ribeiro (1985) nos apresenta que no contexto da Psicologia da Gestalt a percepção estudada era a visual, a forma como os olhos percebem os objetos no espaço. A Gestalt-terapia, por sua vez fará uma transposição: da percepção visual, física, para

uma percepção da realidade, como as pessoas percebem a realidade e os comportamentos que as circundam.

[...] podemos afirmar que o modo como as pessoas veem fisicamente a realidade externa, geográfica, tem muito a ver com o modo como elas se relacionam com seu meio comportamental e psicológico. É aí que nos baseamos para semelhante transposição. (RIBEIRO, 1985, p.68)

A primeira premissa que a Psicologia da Gestalt nos deixou é a do conceito do todo e da parte. “O homem não percebe as coisas isoladas e sem relação, mas as organiza no processo perceptivo como um todo significativo,” (PERLS, 2011, p.18) Contudo, segundo Ribeiro (1985), para que haja compreensão desse todo, é preciso descobrir e conhecer a relação que existe entre suas partes; desta forma, o todo seria formado de sistemas inter-relacionados, no qual as partes estão em uma relação dinâmica e profunda com o todo, o que nos possibilita dizer que é a totalidade que vai trazer o significado para as partes que são apresentadas, e as partes em si vão também revelar o todo.

O segundo conceito que podemos extrair da Psicologia da Gestalt é o de “figura e fundo”, conforme afirmam Perls, Hefferline e Goodman (1997, p.34): “Figura/fundo, situação inacabada e gestalt são os termos que tomamos emprestado da psicologia da gestalt.”

Perls (2011) diz que quando

[...] um elemento selecionado entre os muitos presentes sobressai [...] outros ficam em segundo plano. A escolha de qual elemento se distinguirá é o resultado de muitos fatores, e todos eles podem, juntos, ser englobados no termo interesse.” (PERLS, 2011, p.18)

Desta forma, podemos dizer que o comportamento do indivíduo é organizado mediante a esta dinâmica de figura e fundo, na qual enquanto uma necessidade importante não for satisfeita, estará ocupando o lugar de figura, até que seja satisfeita, e então voltará para o fundo, permitindo que outra necessidade emerja como figura, como gestalt aberta ou incompleta. Esta dinâmica de figura e fundo organizando o comportamento dos indivíduos é afirmada quando Perls diz: “[...] nossa vida nada mais

é do que um número infinito de situações não terminadas, gestalts incompletas. Logo que acabamos uma situação, surge outra.” (PERLS, 1977, p.32)

Entretanto, a figura existe no fundo, ela não é parte isolada do fundo. “Não podemos distinguir a figura sem um fundo: a Gestalt se interessa por ambos, mas, sobretudo, por sua inter-relação.” (GINGER; GINGER, 1995, p.38) Araújo (2012) explica esta noção comparando a relação existente entre a onda (figura) e o mar (fundo):

A onda (figura) é ondulação no mar. Ela não se destaca do mar; ela se destaca no mar. Cada experiência vivida é uma ondulação no mar, uma onda que se levanta e se faz figura, ganhando significado sob o lampejo da awareness. A fluidez da relação figura/fundo é como a fluidez da onda do mar. A onda (figura), em nenhum momento, perde as características do mar (fundo). Nunca deixa de ser mar. Radicalizando: a figura é, no fundo. (ARAÚJO, 2012, p.120)

A Gestalt-terapia também utiliza a aplicação dos *insights* (a capacidade de entender verdades escondidas, de discernir a verdadeira natureza de uma situação) da Psicologia da Gestalt de forma que contribua para o processo de *awareness* (o dar-se conta, o estar consciente da situação). Yontef (1998) nos diz que “*Awareness* proveniente de *insight* é sempre uma gestalt nova, e é por si só curativa.” (YONTEF, 1998, p.167) O autor irá dizer que isto é fundamental para a autorregulação organísmica.

O conceito de aqui e agora também adveio da Psicologia da Gestalt. Segundo Ribeiro (1985), o estar no aqui e agora explica a minha relação com a realidade como um todo, sendo assim, o que eu vejo, percebo, pode ser explicado pelo agora, não tendo a necessidade de recorrer a experiências do passado.

Para a Gestalt-terapia (PERLS, 2011, p.75), o problema não fica no passado, ele se faz presente no presente, no aqui e agora. Desta forma, não é preciso viver no passado, pois as situações não resolvidas do passado aparecerão no presente, tendo em vista que o ser humano é um ser total, com o passado presente nele. Perls (1977) confirma dizendo:

O passado é passado. E entretanto, no agora, no nosso ser, carregamos muito do passado conosco. Mas carregamos o passado somente na medida em que trazemos situações inacabadas. O que aconteceu no passado ou é assimilado, tornando-se parte de nós, ou é trazido como uma situação inacabada, como uma *gestalt* incompleta. (PERLS, 1977, p.67)

Segundo Yontef (1998), o presente é o próprio movimento entre o passado e o futuro. Ele diz que

agora refere-se a *este momento*. Na hora da terapia, quando os pacientes se referem à sua vida fora desta hora, ou antes desta hora, *não é agora*. Na Gestalt-terapia orientamos mais para o agora do que qualquer outra forma de psicoterapia. (YONTEF, 1998, p.41)

Sendo assim Perls (2011) irá dizer que, a abordagem gestáltica é uma teoria na qual a atenção do paciente deve estar toda voltada para o que está acontecendo no decorrer da sessão, no momento presente, sendo então, uma terapia do aqui e agora.

Por fim, Yontef (1998) traz em sua obra *Processo, diálogo e awareness* uma diferenciação entre a Gestalt-terapia e a Psicologia da Gestalt, que diz o seguinte:

A Gestalt-terapia difere da Psicologia da Gestalt no aspecto de que, na Gestalt-terapia, a ênfase oscila da essência para a existência, especialmente a das pessoas individualmente. A realidade da mais alta importância na Gestalt-terapia é a do ser: as pessoas como elas vivem. A Psicologia da Gestalt vê as pessoas como únicas e totais [...] Contudo, a ênfase tem estado sobre aspectos tais como percepção ou cognição, em vez de na pessoa *como* pessoa e a totalidade de sua experiência. (YONTEF, 1998, p.169)

I.2.2 Teoria de Campo

Outra teoria que a Gestalt-terapia se baseia é a Teoria de Campo, baseada na de Kurt Lewin. Segundo Yontef (1998), a abordagem teórica que melhor pode incluir as amplas temáticas trazidas pela Gestalt-terapia. “Na Gestalt-terapia estudamos as pessoas em seus campos organismo/ambiente. O ambiente do campo organismo/ambiente pode ser uma escola, um comércio, uma família, um casal, um grupo de treinamento, um indivíduo em seu espaço vital etc.” (YONTEF, 1998, p.184)

De acordo com Elídio (2012), Lewin considera como campo o espaço de vida da pessoa, o que nos possibilita dizer que o ser humano, é sempre visto dentro de um campo maior do que ele mesmo. De acordo com esta perspectiva, Ribeiro (1985) aponta que ele só é compreensível e tem significado se for visto no contexto que o cerca e em relação com este, pois é um ser total.

Yontef (1998), traz algumas características do campo:

- a) um campo é uma teia sistêmica de relacionamentos:* neste sentido, o campo seria o resultado de forças inter-relacionadas, de fatores múltiplos que se reúnem no tempo e no espaço, se modificando de acordo com o tempo;
- b) um campo é contínuo no espaço e no tempo:* este ponto traz a noção de que o campo não é estático, é dinâmico, estando sempre em movimento, em processo, trazendo essa ideia de continuidade. “Sob a lente da teoria de campo, o movimento substitui a estática, os eventos substituem as coisas, a continuidade substitui a descontinuidade.” (YONTEF, 1998, p.189);
- c) tudo é de-um-campo:* aqui temos a ideia de que objetos e organismos constituem um campo. Como constituintes do campo exercemos influência sobre ele, da mesma forma que ele sobre nós;
- d) os fenômenos são determinados pelo campo todo:* neste sentido, todos os comportamentos e movimentos são determinados pelo campo organismo/ambiente, sendo assim, a pessoa é determinada por este, o que nos mostra que o campo total determina as partes;
- e) o campo é uma totalidade unitária: tudo no campo afeta todo o resto:* como o campo é dinâmico, existe uma interação de todas as partes, na qual o estado de uma afeta o estado de todas as outras partes; “tudo no campo é afetado de maneira imprevisível” (YONTEF, 1998, p.196).

Ribeiro (2007) irá dizer então que, quando falamos da Teoria de Campo, na psicoterapia isso irá significar que o comportamento ocorre em função do campo, sendo o ser humano sujeito a forças bio, psico, socioespirituais que ocorrem em dado momento; ou seja, “tudo aquilo que, em dado momento, é capaz de influir num campo no qual o comportamento ocorre – ora como figura, ora como fundo – é parte desse campo.” (RIBEIRO, 2007, p.113)

Considerando todas estas características, Yontef (1998) irá definir a Teoria de Campo da seguinte maneira:

Teoria de campo é um enfoque ou ponto de vista para examinar e elucidar eventos, experiências, objetos, organismos e sistemas, que são partes significativas de uma totalidade conhecível de forças mutuamente influenciáveis, que, em conjunto, formam uma fatalidade

unificada interativa contínua (campo), em vez de classificá-las de acordo com a natureza inata ou analisá-las com a finalidade de obter aspectos separáveis e fatalidades formativas e somáveis. A identidade e a qualidade de qualquer evento, objeto ou organismo desse tipo apenas, o é, em-um-campo contemporâneo, e somente pode ser conhecida, por meio de uma configuração, formada por uma interação mutuamente influenciável entre percebedor e percebido. (YONTEF, 1998, p.210)

I.2.3 Holismo

A doutrina holística é de grande significado para o fundamento da Gestalt-terapia. Lima (2008) nos aponta que a influência desta teoria veio de Jan Smuts, autor do livro *Holism and evolution* (1926). De acordo com Teixeira (1996), este conceito avança para uma visão sintética do universo e propõe a totalidade em oposição à fragmentação, afirmando Perls (1973) quando diz que este conceito trouxe a definição de que o homem é um organismo unificado, um todo, contradizendo o que as escolas tradicionais apresentam: a cisão entre corpo e mente.

“Os todos não são entidades individuais formadas pela simples composição de partes, e sim unidades complexas nas quais as partes se relacionam e interagem.” (LIMA, 2008, p.4) Desta forma, podemos dizer que o todo não é o resultado da soma das partes, a sua natureza vai além. Segundo Lima (2008), o todo é criativo e por isso forma uma nova estrutura que é diferente de uma agregação mecânica das partes, sendo uma característica da natureza orgânica, na qual o desenvolvimento do organismo se dá através de relações fluidas entre partes que se movimentam e estão em constante mudança. Sendo assim, Teixeira (1996) irá dizer que:

O modelo sistêmico atende ao conceito de interdependência das partes. Postula que tudo é interdependente, que os fenômenos apenas podem ser compreendidos com a observação do contexto em que ocorre. Postula também que a vida é relação. (TEIXEIRA, 1996, p.287)

De acordo com Lima (2008), o todo e as partes estão em uma interação tão profunda, se influenciando continuamente, que não podemos perceber onde começa o todo e onde termina as partes. “Todas as partes se representam no todo do mesmo modo

que o todo está em todas as partes.” (LIMA, 2008, p.5) Esta noção nos aponta para o funcionamento do organismo, que quando sofre algum distúrbio em uma dessas partes afeta o todo, e então, as outras partes funcionam de modo cooperativo para que haja um ajustamento de suas funções, e assim o organismo volte para o seu estado de equilíbrio.

Esta teoria, então, “permite-nos ver o ser humano como ele é, como um todo, e examinar seu comportamento como se manifesta, ao nível explícito da atividade física e ao nível oculto da atividade mental.” (PERLS, 1973, p.29-30)

Perls (1973), ainda irá apontar a importância desta teoria para o trabalho psicoterapêutico, dizendo que o holismo se apresenta como um instrumento, nos permitindo ver um homem global, no qual as atividades físicas e mentais estão entrelaçadas.

I.2.4 Teoria Organísmica

Partindo do mesmo princípio do holismo, onde o homem é um ser total, a teoria organísmica propõe a totalidade como premissa para entendermos o comportamento humano.

Segundo Alvim (2012), o trabalho de Perls sofreu um divisor de águas a partir do contato com a teoria organísmica de Kurt Goldstein, que

concebe o organismo como um sistema organizado baseado em leis de funcionamento intrínsecas ao todo [...] Supõe uma unidade corpo e mente e afirma que não há um domínio independente ou supremacia das partes, tampouco do corpo ou da mente. (ALVIM, 2012, p.228)

De acordo com Ribeiro (1985), a teoria organísmica traz consigo, além da noção de que o ser humano é um ser uno, total, a premissa de que o homem possui um impulso dominante de autorregulação, pelo qual é de forma permanentemente motivado. O que afirma Lima (2005), quando diz que o organismo é compreendido em si como um sistema, funcionando como uma unidade, no qual qualquer estímulo que atinja um subsistema desse organismo influenciará nas mudanças ocorridas na unidade total. A

partir disto, o padrão de funcionamento de todas as partes será em direção ao restabelecimento do equilíbrio do sistema global.

Desta forma, na relação do organismo com o meio, o organismo “tomando como referência uma sensação subjetiva de conforto e segurança, elege, diante das condições do meio, maneiras próprias e criativas de reagir, visando à regulação.” (ALVIM, 2012, p.228) Esta autorregulação organísmica, será vista na gestalt-terapia como o processo de homeostase, sendo o processo pelo qual o organismo busca o equilíbrio e que veremos com maior profundidade a seguir.

I.3 CONCEITOS BÁSICOS DA GESTALT-TERAPIA

I.3.1 Homeostase ou autorregulação organísmica

A Gestalt-terapia parte da premissa de que o ser humano é movido pelo processo da homeostase. Podemos entender o processo homeostático como um processo de autorregulação, no qual o organismo a todo o tempo irá agir visando à busca do equilíbrio.

Segundo Ribeiro (1985), o conceito de homeostase na Gestalt-terapia veio da influência da teoria organísmica de Kurt Goldstein, que considerava o organismo como um todo, considerando suas funções e ações. Esse processo homeostático será definido então como o processo pelo qual os seres vivos buscam sua autorrealização – satisfação de suas necessidades - conforme sua interação com o meio.

Desta forma, poderíamos chamar o processo de autorregulação, o processo pelo qual o organismo interage com seu meio [...] operando a serviço da sobrevivência do indivíduo e, através dele, da espécie. (PERLS, 2011, p.21)

De acordo com Perls (2011), somos movidos pelo surgimento de necessidades. Quando uma necessidade não é satisfeita, há uma perturbação no equilíbrio do organismo, necessitando que esta seja satisfeita para que o organismo alcance o equilíbrio novamente até que uma nova necessidade surja.

Quando uma necessidade é satisfeita, podemos dizer que “esta situação agora está fechada, e a próxima situação inacabada pode acontecer, o que quer dizer que nossa vida nada mais é do que um número infinito de situações não terminadas, *gestalten* incompletas. Logo que acabamos uma situação, surge outra.” (PERLS, 1977, p.32) Sendo assim, o processo homeostático está presente a todo o tempo, em um jogo contínuo de equilíbrio e desequilíbrio no organismo.

Yontef (1998) irá dizer que neste processo de autorregulação, as necessidades que surgem não são apenas vindas do indivíduo isoladamente; considerando que para a Gestalt-terapia o ser humano é visto juntamente com o campo ao qual está inserido, essas necessidades também advém do meio.

A autorregulação organísmica é baseada no reconhecimento da existência de uma gama completa de dados emocionais, mentais e sensoriais, relativos tanto às necessidades interiores quanto às necessidades do meio, e também dos recursos internos e do meio. (YONTEF, 1998, p.245)

Perls (1977) irá dizer que, qualquer desequilíbrio gera no organismo a necessidade de ser corrigido, porém, como temos muitas situações inacabadas dentro de nós, a ordem em que as necessidades serão supridas dependerá do nível de urgência de cada uma, que na Gestalt-terapia chamamos de hierarquia de necessidades. A situação mais urgente surgirá como prioridade; emerge como figura e prevalece sobre as outras que ficam de fundo. Quando esta se resolve, volta para o fundo e a próxima mais urgente emerge para o primeiro plano.

Cada situação inacabada mais premente assume a dominância e mobiliza todo o esforço disponível até que a tarefa seja completada; então torna-se indiferente e perde a consciência, e a necessidade seguinte passa a exigir atenção. [...] então determinadas figuras de consciência se tornam vívidas e vêm para o primeiro plano. [...] O que parece espontaneamente importante de fato organiza realmente a maior parte da energia do comportamento; a ação autorreguladora é mais vívida, mais intensa e mais sagaz. (PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN, 1997, p.84)

Segundo De Lucca (2012, p.31), “pela autorregulação, a necessidade predominante é a que, de alguma forma, organiza nossa percepção e faz algo se transformar em figura, abrindo assim um novo ciclo de experiência.”

Sendo assim, “trata-se de um mecanismo tão importante que a qualidade de equilíbrio/desequilíbrio homeostático está intimamente vinculada àquela de saúde/doença do organismo.” (CARDOSO, 2012, p.144). Perls (2011) irá dizer que se o processo homeostático falhar de alguma forma e o organismo se mantiver em um estado de desequilíbrio por um período grande de tempo, sendo incapaz de suprir suas necessidades, o organismo estará doente. Nesta mesma visão, Lima (2005) aponta:

Podemos dizer que a Gestalt-terapia foi construída sobre esta crença, de que a lei que governa o funcionamento do ser humano é a da busca da auto-atualização, salvo condições de extrema anormalidade. Fritz Perls iria pregar, na teoria da abordagem gestáltica, que os indivíduos se auto-atualizariam dando prioridade para a execução de ações que visassem a satisfação das necessidades emergentes como figuras. Sendo alguma necessidade satisfeita, esta deixaria de ser figural e outra necessidade emergeria. As complicações surgiriam, neste processo de auto-atualização, quando não houvesse a possibilidade de satisfação de uma necessidade básica. Se um indivíduo é forçado a conviver com uma situação de restrição por muito tempo, o seu modo de funcionamento é afetado e este passa a se comportar de um outro modo não harmônico. Portanto o funcionamento não harmônico é o resultante de situações de limite, onde se forma um padrão de adaptação emergencial. (LIMA, 2005, p.5)

Em seu livro *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia* (PERLS, 2011), Perls acrescenta que o neurótico, então, será aquele que não sabe organizar suas necessidades, não consegue distingui-las e dedicar-se a elas de acordo com a ordem de suas prioridades, precisando da terapia para aprender discrimina-las e poder agir conforme à sua hierarquia de necessidades.

Desta forma, De Lucca (2012) aponta que, de acordo com a terapia gestáltica,

a autorregulação é a base para a confiança na fonte da vida, e por meio dela nos dirigimos à realização como a melhor expressão de nós mesmos. É uma forma de reconhecermos o que somos e confiar que, soltando o controle, chegaremos a ser quem somos, em relação. (DE LUCCA, 2012, p. 32)

O processo de autorregulação orgânica, então, é realizado através do que chamamos na Gestalt-terapia de ajustamento criativo, que será descrito em seguida.

I.3.2 Ajustamento Criativo

Ciornai (1995) em seu texto *Relação entre criatividade e saúde na Gestalt-terapia*, fala que a relação da Gestalt-terapia com criatividade vem desde suas raízes, juntamente com a visão existencial de ser humano, tendo este sempre a possibilidade de refazer-se, de poder organizar e escolher sua vida criativamente. “Nesta abordagem acredita-se que o homem é potencialmente capaz e criador.” (SILVEIRA, 2005, p.5)

Por ajustamento criativo entendemos, então, que é “a capacidade de o organismo interagir ativamente com o meio, com vistas a possibilitar o atendimento de suas necessidades.” (FRAZÃO, 1996, p.4) Contudo, não é sempre que o meio consegue atender as necessidades do indivíduo, desta forma, Antony (2009) nos diz que para que se mantenha a homeostase, o equilíbrio e a saúde do organismo, ocorre um ajustamento criativo no qual a pessoa modifica sua necessidade para que possa ser atendida de forma coerente com as possibilidades do meio.

Aguiar (2014) irá fazer a importante observação de que o conceito de ajustamento criativo não tem o sentido de adaptação, no qual o indivíduo é moldado passivamente pelo meio. A própria expressão “criativo” traz em si a noção de que é um processo ativo e não passivo, implicando a ação do indivíduo no mundo “a fim de torná-lo o mais assimilável possível, ficando com aquilo que o nutre e recusando e / ou transformando aquilo que não lhe serve.” (AGUIAR, 2014, p.52) Silveira (2005) irá confirmar dizendo que se trata de transformar o ambiente e não de uma adaptação do que já existe, e assim, a medida que o ambiente se transforma, o indivíduo também se transforma e é transformado.

Podemos dizer então que, quando o organismo consegue modificar sua necessidade primária num determinado momento a fim de ser suprida pelo meio, evitando danos e prejuízos a si e ao ambiente, ele fez um ajustamento criativo funcional, estando desta forma saudável. Em contra partida, como veremos na citação a seguir:

à medida que este ajustamento se mantém, deslocado no tempo e no espaço, acaba de se constituir num ajustamento disfuncional, embora seja importante compreender que em algum momento foi funcional e criativo. (FRAZÃO, 1996, p. 30)

Frazão (1999) ainda nos aponta que é importante considerarmos que a escolha feita pela pessoa é sempre a escolha que a pessoa pôde fazer naquele momento, considerando a circunstância e a experiência.

Aguiar (2014) exemplifica o ajustamento criativo disfuncional usando a seguinte metáfora:

o funcionamento não saudável ocorre quando o ser humano, tendo uma maleta de ferramentas para lidar com o mundo, utiliza somente uma, duas ou três, lidando com as situações sempre com os mesmos instrumentos. Se a ferramenta escolhida é uma chave de fenda, ao encontrar um parafuso, ela será adequada. No entanto, nem todas as situações demandarão o uso de uma chave de fenda: talvez sejam necessários um alicate, um martelo ou um serrote, e a chave de fenda deixará a desejar. A saúde é justamente a possibilidade de viver a novidade que se apresenta a cada situação como algo original, e não como mera sombra ou repetição de algo antigo, podendo-se criar outras formas para abordá-la. (AGUIAR, 2014, p.84)

Sendo assim, podemos dizer que um organismo é saudável quando tem a possibilidade de fluidez na satisfação de suas necessidades emergentes, considerando o contexto e o momento em que se encontra. Logo, um organismo não saudável, será aquele que apresenta rigidez, poucos recursos disponíveis para suprir suas necessidades emergentes, não conseguindo visualizar outras possibilidades a não ser aquela a qual já vem repetindo, estando cristalizada.

Antony (2009) aponta que a doença então significa a interrupção da capacidade de dar respostas criativas a situações conflituosas específicas e às suas necessidades internas, criando padrões de comportamento e interação petrificados, estando vinculados a uma gestalt fixada que traz rigidez na formação de novas figuras e interrompe o fluxo natural da percepção das necessidades.

De acordo com esta noção, o adoecer é uma forma de autorregulação e, por conseguinte, um ajustamento criativo. “Um sintoma é, antes de mais nada, uma forma de ajustamento.” (TELLEGEN, 1984, p.39), sendo uma forma de sinalizar que uma

necessidade importante está insatisfeita e uma gestalt está aberta. “Na doença, portanto, há uma tentativa de cura, de retornar à saúde e ao equilíbrio.” (ANTONY, 2009, p.358)

Podemos dizer então que para a Gestalt-terapia,

funcionamento saudável é aquele que flui criativamente de uma formação figural à outra, enquanto funcionamento não saudável é o funcionamento caracterizado por entraves e cristalizações, que impedem a fluidez do processo de contato criador consigo mesmo, os outros e o mundo. (CIORNAI, 2012, p.129)

Por fim, Ciornai (1995) diz que os ajustamentos criativos se dão no indivíduo através dos múltiplos e variados contatos que vivência, cresce e desenvolve, sendo o ajustamento criativo e o contato conceitos-chaves na Gestalt-terapia, e este último veremos a seguir.

I.3.3 Contato e Bloqueios de Contato

O conceito de “contato” em Gestalt-terapia difere do sentido corriqueiro em que esta palavra é usada em diferentes contextos. Segundo Silveira (2012), a palavra “contato” define a troca existente entre indivíduo e ambiente, considerando que organismo e meio são um todo indivisível. Sendo assim, a autora diz que contato refere-se aos ciclos de encontros e retiradas no campo organismo/meio.

Ribeiro (2007) diz que o campo é o lugar do contato, onde tudo acontece, permitindo que todos os seres em relação se individualizem e sejam reconhecidos através dos contatos realizados. Somos seres de relação e por isso dependemos do contato com o outro para que nos percebamos como existentes, afirmando quando ele diz: “todo contato implica uma relação eu-mundo.” (RIBEIRO, 2007, p. 13) O autor ainda diz que o contato ocorre entre duas realidades que estejam disponíveis para o encontro, e quando o contato acontece um altera a natureza do outro; podendo ocorrer de mim para comigo mesmo e de mim para com o outro, sendo este outro humano ou coisa. Desta forma, podemos concordar com o autor quando diz que somos os contatos que fazemos ao longo da vida.

Na obra *Gestalt-terapia* (1997), Perls, Hefferline e Goodman irão dizer que:

Primordialmente o contato é awareness da novidade assimilável e comportamento com relação a esta; e rejeição da novidade inassimilável. [...] o contato não pode aceitar a novidade de forma passiva ou meramente se ajustar a ela, porque a novidade tem de ser assimilada. Todo contato é ajustamento criativo do organismo e ambiente. (PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN, 1997, p.44-5)

Desta forma, vemos que o contato é ativo, dinâmico, e também seletivo, escolhendo o que será assimilado. Silveira (2012, p.59) ainda acrescenta que: “o ato de contatar envolve sempre a percepção clara da situação”, nos fazendo entender que para existir contato precisa existir clareza; logo, o que é difuso não é objeto de contato.

Vemos que contato em Gestalt-terapia, traz consigo a mudança, a transformação, o crescimento. Os Polster (2001) confirmam esta noção quando dizem:

O contato é o sangue vital do crescimento, o meio para mudar a si mesmo e a experiência que se tem do mundo. A mudança é um produto inevitável do contato porque apropriar-se do que é assimilável ou rejeitar o que é inassimilável na novidade irá inevitavelmente levar à mudança. [...] O contato é implicitamente incompatível com permanecer o mesmo. A pessoa não precisa tentar mudar por meio do contato; a mudança simplesmente acontece. (POLSTER; POLSTER, 2001, p.113-4)

Ribeiro (2007) nos diz que funcionamos em ciclos, sendo estes movidos por formação e transformação de figuras. O autor ressalta que no ciclo do contato não equivale o sentido de transformação e destruição de figuras, o que o leva a aderir o termo transformação de figuras, pois um novo ciclo sempre conservará muito do anterior. Ele justifica dizendo:

Toda figura nasce de uma necessidade entre dois seres em contato, a qual, após completar seu ciclo, ou seja, satisfazer seu objetivo, se retira à espera da emergência de uma nova necessidade. Mas isto não significa que os ganhos anteriores do ciclo foram destruídos. Ao contrário, só é possível a emergência de uma nova necessidade por causa dos ganhos que o organismo obteve nos ciclos anteriores, tal como no processo evolutivo cósmico. (RIBEIRO, 2007, p.19)

Sendo assim, é por meio do contato que as necessidades surgem e se satisfazem. Encontramos esta explicação em Tellegen (1984), quando ela aponta o ciclo do contato que é apresentado por Perls, dizendo que este ciclo é formado por uma sensação vaga que vai emergindo como figura e mobilizando a energia e a ação para atender à necessidade em aberto. Uma vez a necessidade satisfeita, a figura cede e o organismo volta ao equilíbrio, até que uma nova figura motivacional surja.

Segundo a autora (1984), o contato ocorre dentro de um campo composto por partes ou regiões, implicando na existência de delimitações ou fronteiras que chamamos em Gestalt-terapia de fronteira de contato, sendo considerada uma fronteira entre eu mesmo e o mundo.

Perls, Hefferline e Goodman (1997), irão apontar que

quando dizemos “fronteira” pensamos em uma “fronteira entre”; mas a fronteira – de – contato, onde a experiência tem lugar, não separa o organismo e seu ambiente; em vez disso limita o organismo, o contém e protege, ao mesmo tempo que contata o ambiente. Isto é, [...] a fronteira de contato – por exemplo, a pele sensível – não é tão parte do organismo como é essencialmente o órgão de uma relação específica entre o organismo e o ambiente. (PERLS, HEFFERLINE E GOODMAN, 1997, p.43)

Os Ginger (1995) irão dizer que a pele ao mesmo tempo em que protege e limita, sendo uma fronteira, por outro lado ela é um órgão de trocas com o meio através das terminações nervosas e dos poros, sendo então um órgão de contato. Desta forma, a fronteira é o lugar de encontro de energias e forças diferentes, independente da qualidade destas, o que nos possibilita dizer que o contato então, pode ser nutritivo ou não.

Segundo Perls, Hefferline e Goodman (1997), a experiência sensorial traz vinculada a si funções de contato. Em *Gestalt-terapia Integrada*, os Polster (2001) destacam os sentidos (visão, audição, olfato, tato e paladar) como funções de contato, acrescentando também a linguagem e o movimento. “É por estas funções que o contato pode ser conseguido e é pela perturbação destas funções que o contato pode ser bloqueado ou evitado.” (POLSTER; POLSTER, 2001, p. 140) Desta forma, Quadros (2012) dirá que a função de contato é a possibilidade para vivenciar as trocas com o mundo através dos sentidos, e a disfunção de contato é o encolhimento, a impossibilidade desse fluxo natural.

Podemos dizer, então, que

qualquer interrupção do contato implica uma perda na saúde. Contato é processo de autorregulação orgânica. Doença significa interrupção de contato em um dos quatro campos que compõem o espaço vital da pessoa: geobiológico, psicoemocional, socioambiental e sacrotranscendental. (RIBEIRO, 2007, p.53)

Desta forma, fazer contato significa saúde, pois é através do contato que as necessidades são satisfeitas, que as gestalten são fechadas, fazendo o organismo estar em equilíbrio.

I.3.4 Mecanismos Neuróticos

Considerando que o ajustamento criativo é o mecanismo de autorregulação do organismo, Perls, Hefferline e Goodman (1977, p.248) dirão que “[...] os comportamentos neuróticos são ajustamentos criativos de um campo onde há repressão.” Diante disso, podemos dizer que os mecanismos neuróticos são usados para fazer com que o organismo esteja em equilíbrio. Entretanto, quando se tornam rígidos, fixos, colocarão o organismo em conflito, não permitindo que necessidades sejam satisfeitas e gestalten fiquem abertas.

D’Acri, Lima e Orgler (2012) confirmam dizendo:

Os mecanismos neuróticos não são, em si, nem bons nem maus. A repetição destes como um padrão comportamental recorrente é que os torna nocivos, transformando-se em repetições rígidas dos mesmos padrões de funcionamento diante das circunstâncias do meio. É importante ter em mente que esses mecanismos surgem como interrupções de um ciclo básico, o ciclo do contato. (D’ACRI, LIMA, ORGLER, 2012, p.162)

Veremos a seguir os mecanismos de introjeção, projeção, retroflexão, proflexão, deflexão e confluência, que são encontrados na literatura da Gestalt-terapia.

I.3.4.1 Introjeção

A introjeção é um mecanismo necessário no início da vida, pois é através dele que absorvemos e assimilamos conceitos, valores e normas. Porém, neste processo de digerir o que o meio nos oferece, é preciso exercer a capacidade de discriminação, não engolindo tudo inteiro que o meio oferece, mas discriminando aquilo que é saudável para o organismo e o que é tóxico, nocivo.

“A introjeção, pois, é o mecanismo neurótico pelo qual incorporamos em nós mesmos normas, atitudes, modos de agir e pensar, que não são verdadeiramente nossos” (PERLS, 2011, p.48), obedecendo e aceitando opiniões arbitrárias que pertencem a outros e não a si mesmo e acreditando que os outros sabem melhor do que ele.

Desta forma, a introjeção faz com que o organismo tenha mais do outro do que de si mesmo; como um mecanismo neurótico, ela atua contribuindo para a desintegração e a não construção da personalidade.

I.3.4.2 Projeção

Ao inverso da introjeção, a projeção é o processo pelo qual o indivíduo tendo dificuldade de identificar o que é dele e o que é do meio, atribui suas dificuldades, culpas, responsabilidade aos outros, projeta no meio aquilo que ele é. Desta forma, sente-se ameaçado pelo mundo, vendo outros como inimigos e se colocando no lugar de vítima. “Em vez de ser um participante ativo de sua própria vida, aquele que projeta se torna um objeto passivo, a vítima das circunstâncias.” (PERLS, 2011, p.50)

Os Ginger (1995) irão dizer que a projeção é saudável até o ponto em que dá a possibilidade de se colocar no lugar do outro, porém, se torna patológica quando se torna um mecanismo habitual e estereotipado, ficando cristalizado.

I.3.4.3 Retroflexão

Na retroflexão o indivíduo faz a si o que gostaria de fazer aos outros ou faz a si mesmo aquilo que gostaria que os outros fizessem com ele. Neste processo o indivíduo volta a energia que deveria ser colocada no mundo para si.

Segundo Perls (2011), uma pessoa que retroflexiona um comportamento, não dirige suas energias para fora na tentativa de manipular e provocar mudanças no meio que satisfaçam suas necessidades; ao contrário disso, sua ação é redigida para dentro, se colocando no lugar do meio como alvo de comportamento. Desta forma, o indivíduo se torna agente e paciente da ação, se tornando seu pior inimigo.

Contudo, os Ginger (1995) apresentam também que a retroflexão saudável é necessária, sendo sinal de educação social, auto-controle e maturidade. Sendo assim, “[...] a retroflexão só se torna patológica quando é crônica ou anacrônica e resulta numa permanente inibição masoquista das pulsões ou, inversamente, numa exacerbação das satisfações narcísicas.” (GINGER; GINGER, 1995, p.137)

I.3.4.4 Proflexão

O mecanismo da proflexão seria uma combinação da retroflexão e a projeção: faz ao outro aquilo que gostaria que o outro fizesse a si. Enquanto que na retroflexão o outro existe no indivíduo, na projeção, o indivíduo existe no outro.

Ribeiro (2007) em sua obra *O ciclo do contato* esclarece o mecanismo da proflexão dizendo:

Processo através do qual desejo que os outros sejam como eu desejo que eles sejam, ou desejo que eles sejam como eu mesmo sou, manipulando-os a fim de receber deles aquilo de que preciso, seja fazendo o que eles gostam, seja submetendo-me passivamente a eles, sempre na esperança de ter algo em troca. (RIBEIRO, 2007, p.64-5)

I.3.4.5 Deflexão

A deflexão é o processo através do qual a pessoa evita contato direto, desperdiçando a energia na relação com o outro, sendo um mecanismo de fuga, de evitação.

Em *Gestalt: uma terapia do contato*, Serge e Anne Ginger (1995, p.256) consideram a deflexão como sendo “uma das ‘resistências’ ou ‘perdas da função eu’.” [...] Pode ser, assim, uma fuga do aqui e agora nas lembranças, projetos, considerações abstratas, no que Perls considerava ‘masturbação mental’.”

Os Polster (2001), dirão que o deflexivo não investe energia suficiente para obter um razoável retorno, ou então a investe, mas sem foco, o que a faz dissipar e evaporar. “Ele termina esgotado e com pouco retorno – arruinado.” (POLSTER; POLSTER, 2001, p.86)

I.3.4.6 Confluência

A confluência é o mecanismo onde a pessoa se liga totalmente aos outros, de forma que não sinta a barreira existente entre si e o meio. Desta forma, o confluente só se vê existindo com o outro, não diferenciando o que é dele do que é do outro; ele perdeu todo o sentido de si próprio, e desta forma não pode vivenciar a si mesmo.

Perls (2011) explica dizendo:

A pessoa em quem a confluência é um estado patológico, não pode discriminar entre o que ela é e o que as outras pessoas são. Não sabe onde ele termina e começam os outros. Como não se dá conta da barreira entre ele e os outros, não pode entrar em bom contato com eles. Nem pode evitar envolver-se com eles. De fato, não pode sequer fazer contato consigo mesmo. (PERLS, 2011, p.52)

Este mecanismo está presente nos recém-nascidos, quando não possuem ainda a capacidade de distinguir o que é dele e o que é de fora, dos outros. Porém, quando se torna crônico, é disfuncional e até patológico.

I.3.5 Maturidade

O conceito de maturidade consiste em transcender o apoio ambiental para o autoapoio. Perls (1977) ao explicar este conceito se remete ao feto, quando ainda precisa de todo apoio da mãe – oxigênio, calor, comida – e assim que nasce já precisa aprender a respirar sozinho. Com este exemplo podemos perceber que a maturidade consiste no desenvolver de seus próprios meios de sustentação quando o ambiente já não pode mais satisfazê-lo. Sendo assim,

à medida que vai desenvolvendo seu autossuporte, se diferencia e distancia daquilo que lhe dera suporte inicialmente (receber pronto do meio), direcionando-se para uma autossuficiência (um apoio ancorado mais em si e menos no meio). (ABREU in D'ACRI, LIMA, ORGLER, 2012, p.29)

Quando falamos de maturidade, falamos de crescimento. Segundo Yontef (1998), quando falamos de uma pessoa engajada no processo de amadurecer, estamos falando de um engajamento no processo de ajustamento criativo, pois é neste movimento que a pessoa em relação com o meio assume a responsabilidade em criar as condições que a conduzirão ao seu bem-estar, e é somente com o autoapoio que conseguirá se responsabilizar.

Neste processo de transferência do apoio ambiental para o autoapoio, Perls (1977) irá apontar a importância da frustração para o crescimento. Pois é somente com a frustração que as necessidades emergem, e se o meio – pais ou outras pessoas – sempre suprir essas necessidades, impossibilitará a criança de mobilizar seus próprios recursos para descobrir sua própria capacidade. Sendo assim, a criança que não é frustrada na medida certa, se torna uma criança mimada, e afim de não se frustrar, aprende a manipular o ambiente. “Em vez de mobilizar seus próprios recursos, ela cria dependências. Ela investe sua energia na manipulação do ambiente para obtenção de apoio.” (PERLS, 1977, p.55) Aguiar (2014) irá confirmar dizendo que a frustração é tão importante quanto o acolhimento, sendo necessárias as duas coisas para que haja um equilíbrio.

Desta forma, podemos concluir com as palavras de Perls (1997):

o processo de maturação é a transferência do apoio ambiental para o auto-apoio, e o objetivo da terapia é fazer com que o paciente não dependa dos outros, e descubra desde o primeiro momento que ele pode fazer muito mais do que ele acha que pode. (PERLS, 1997, p.50)

Considerando os conceitos básicos e os embasamentos filosóficos e teóricos apresentados aqui, falaremos a seguir acerca da visão de família na abordagem gestáltica.

II. CONCEITUAÇÃO DE FAMÍLIA NA ABORDAGEM GESTÁLTICA

Antes de adentrarmos sobre a visão da abordagem gestáltica sobre família, faremos um breve recorte histórico acerca de como a visão sobre esta foi se modificando no decorrer dos tempos.

II.1 DA FAMÍLIA MEDIEVAL À FAMÍLIA MODERNA: UM RECORTE HISTÓRICO.

Através da obra intitulada *História Social da Criança e da Família* de Philippe Ariès (1981), observamos mudanças que ocorreram na forma de se ver a família. O autor nos apresenta como a imagem da família foi se estruturando no decorrer dos séculos.

Na Idade Média, século XII, foi fixado o uso da iconografia² tradicional dos 12 meses do ano, tendo sua evolução até o século XVI de acordo com tendências significativas. Essa iconografia se resumia na reunião de imagens que representassem o ofício do homem estando ligadas as estações. O ofício que uma pessoa exercia, durante muito tempo, era tido como uma das atividades mais importantes do cotidiano, sendo de certa forma um resumo da vida privada de um homem, e por isso tinha um grande significado naquela época.

Ao longo do século XVI muitas alterações foram feitas na iconografia dos meses, como a aparição de novos personagens: no início aparecia sempre a figura do homem trabalhando, depois surgiu a mulher como dama do amor cortês ou dona-de-casa, a mulher trabalhando nos campos; cenas onde mulheres estavam em casa com homens, etc. O homem, então, deixa de aparecer sozinho e começa aparecer com outras pessoas, até mesmo com crianças; a mulher e a família participando do trabalho, estando sempre perto do homem, quer seja em casa ou nos campos.

Sendo assim, a partir da segunda metade do século XVI, a iconografia vai apresentando os meses do ano, o decorrer das idades e as fases da vida sempre em um

² Descrição ou estudo representações visuais, de conjuntos de imagens ou símbolos usado por um artista ou por uma coletividade.

contexto familiar, sob a forma da história de uma família, como por exemplo: imagens do momento da refeição em família, crianças em volta da mesa, cenas do pai velho e doente e a família toda reunida em seu quarto, os filhos já crescidos, casados e com seus próprios filhos.

Desta forma, Ariès (1981) diz que o decorrer desses processos de mudança vão apontando para um novo sentimento: o sentimento de família. A ilustração da família vai se modificando, mostrando vínculos mais fortes entre seus membros e a criança vai ganhando destaque neste contexto.

Nessas transformações, vemos ainda que no século XVI a família vai mudando, existindo uma degradação progressiva da situação da mulher no lar. A mulher casada passa a ser vista como incapaz, seus atos precisam ser autorizados pelo seu marido ou pela justiça, reforçando os poderes do marido, que Ariès (1981) define como uma monarquia doméstica; posto isto, a mulher e as crianças devem submissão ao marido e pai. E assim a família se torna a célula social, a base dos Estados, o fundamento do poder monárquico.

Podemos ver então que o estudo iconográfico mostrou um novo lugar que a família assumiu na vida sentimental nos séculos XVI e XVII, e nessa mesma época a atitude da família relacionada à criança também foi se modificando.

Na família medieval as crianças não cresciam em suas casas, elas eram enviadas a outras famílias para aprenderem “boas maneiras”; ali elas tinham o papel de servir fazendo os serviços domésticos. Este tempo era visto como um estágio, um período de aprendizagem, sendo uma forma de educação da época. Desta maneira, a família assumia uma realidade mais moral e social do que sentimental.

Foi a partir desta época que a educação passou a ser fornecida cada vez mais pela escola, se tornando o instrumento normal da iniciação social, da passagem do estado da infância ao adulto. Um dos motivos para isso foi a preocupação dos pais de vigiar seus filhos mais de perto, de estarem mais próximos e não abandoná-los. A família, então, concentrou-se em torno da criança.

Essa escolarização, que contribuiu para o sentimento de família, não se deu imediatamente de forma generalizada, mas através da ampliação de unidades escolares e com o aumento de sua autoridade moral a escola foi se consolidando. Desta forma, a civilização moderna tinha a escola como sua base e assim ela foi estabelecida.

Os problemas morais da família apareceram então de outra forma: a partir do século XIII um dos filhos poderia ser beneficiado, sendo geralmente os primogênitos, e

essa foi a base da sociedade familiar do fim da Idade Média, século XVII. A partir da segunda metade deste século, moralistas educadores contestaram essa prática, pois para eles prejudicava a equidade, o sentimento novo de igualdade de direito na família, etc. E assim, no início do século XIX não houve o restabelecimento de privilégios para um único filho, sendo a prova de movimento gradual em direção à família sentimental moderna, como diz Ariès (1981).

Outro costume da época eram as amas de leite; as crianças eram enviadas aos campos, onde as amas geralmente moravam, porém, uma mudança significativa foi acontecendo no decorrer do tempo: as amas passaram a se mudar para as casas das crianças, pois a família começa a recusar a separação de seus bebês, também apontando para um vínculo familiar mais forte.

Relacionado às casas da época, elas eram vistas como lugares públicos, principalmente as grandes casas dos nobres e burgueses. Recebiam-se amigos, devedores, refugiados, clientes, negociantes, etc. Os cômodos também não tinham muitas divisões, dificultando a privacidade. Foi no século XVIII que a família começou a manter a sociedade à distância, colocando-a num espaço limitado, onde a vida particular passa a ser mais priorizada. Portanto, aqui já podemos ver a família moderna, correspondendo a uma necessidade nova de isolamento.

Com esta forma de vida mais privada, os moradores da casa se resumiam aos pais e filhos, e a criança passa a ter maior visibilidade, tendo o seu papel mais consistente. “A família moderna [...] separa-se do mundo e opõe à sociedade o grupo solitário dos pais e filhos.” (ARIÈS, 1981, p. 189)

II.2 A FAMÍLIA NA PERSPECTIVA GESTÁLTICA

Feito um recorte histórico a respeito da família, seguiremos apontando o funcionamento da mesma enquanto sistema, que influenciará diretamente no desenvolvimento da criança que está inserida nela.

Em sua obra *A busca da elegância em psicoterapia*, Zinker (2001) descreverá a família da seguinte maneira:

Um casal ou uma família é um sistema de indivíduos comprometidos a permanecer juntos por um extenso período de tempo, mantendo assim uma continuidade. [...] Além de meramente ficar juntos, um casal ou uma família estão comprometidos com tarefas conjuntas. Eles criam um lar juntos, criam filhos e interagem com sistemas maiores. Formam um subsistema dentro dos sistemas mais amplos da vizinhança, da cidade, do país e do mundo. O casal – ou a família – é uma unidade social, cultural e econômica da comunidade. (ZINKER, 2001, p.74-5)

Assim como as mudanças nas configurações familiares relatadas acima através da obra de Ariès (1981), nos tempos modernos essas mudanças continuam acontecendo. A unidade familiar tem se configurado com diferentes faces. Contudo, nosso objetivo aqui não é o de adentrar acerca dos diferentes tipos de famílias, mas abranger de forma geral o seu papel influenciador no desenvolvimento da criança.

Zinker (2001) irá dizer que independente da configuração familiar, existem fronteiras ao seu redor, distinguindo e separando-as de outras famílias e outros sistemas. O autor então abordará a noção de sistemas fechados e abertos, sendo preceitos influenciados por Lewin, mas ampliados pelos cientistas sociais e psicoterapeutas para situações sociais, inclusive para a família.

Tellegen (1984) traz por definição de sistemas:

[...] um conjunto de objetos que se caracteriza pela inter-relação entre estes objetos e seus atributos. Os componentes sistêmicos focalizados pela teoria de sistemas não são primariamente os ‘objetos’ enquanto físicos ou materiais, mas sobretudo leis, regras, funções, processos, equações. O foco passa da substantividade das partes para os processos inter-relacionais entre elas, o que torna viável o estudo comparativo de sistemas de diferentes naturezas. (TELLEGEN, 1984, p.61-2)

Desta forma, a autora ainda dirá que para se estudar sistemas precisamos indagar sobre sua estrutura, visando o seu contorno, suas partes e como se inter-relacionam internamente e com outros sistemas; o seu funcionamento, percebendo como funciona a transformação do que recebe do meio naquilo que devolve; e também indagar sobre sua evolução, como o sistema age frente às próprias mudanças, seus dispositivos de correção, renovação, diferenciação, a forma que ocorre seu desgaste e sua desintegração enquanto sistema. Vale ressaltar que quando falamos de estrutura não falamos de algo

palpável, mas de algo que é abstrato e ao mesmo tempo detectável através dos processos inter-relacionais.

Zinker (2001) então diz que os sistemas fechados seriam aqueles de fronteiras rígidas e firmes, enquanto os abertos seriam os de fronteiras mais fluidas e mais fracas. O que é igualmente explicado por Tellegen (1984) quando diz que o sistema fechado é aquele que tem energia circulando dentro de si mesmo, mas que por si só não mantém trocas de energia e de matéria com o meio. Estes autores irão dizer que este tipo de sistema caminharão para entropia, sendo um estado de equilíbrio estático, perdendo a diferenciação entre as partes e chegando à indiferenciação total num estado de inércia. Os sistemas fechados não são autorreguladores, sendo assim, não possuem dispositivos de mudança ou correção. Os sistemas abertos, por sua vez, se referem

em primeiro lugar às trocas que mantém autonomamente com o seu meio, tanto de matéria e energia, quanto de sinais informativos. E, em segundo lugar, aos intercâmbios internos entre partes que resultam em mudança do próprio sistema no que diz respeito a seu funcionamento e à sua estrutura. É justamente esta possibilidade de mudança que garante a continuidade no sistema. (TELLEGEN, 1984, p.63-4)

Desta forma, podemos dizer então que, a família como sendo um sistema, está submetida a estas leis sistêmicas, tendo suas fronteiras rígidas e firmes ou fluidas e fracas, podendo ser sistemas fechados ou abertos. O que definirá o tipo de sistema será a sua forma de interação com o meio naquele determinado momento, constituindo-a como funcional ou disfuncional.

De acordo com os tipos de fronteiras, Zinker (2001) nos apresentará alguns tipos de famílias: as famílias funcionais, as retrofletidas e as desorganizadas. As funcionais são aquelas de fronteiras fluidas e flexíveis, onde um ritmo gracioso predomina, havendo solidariedade, unidade, mas também respeito de limites para que a autonomia se desenvolva; sabem quando se aproximar e quando se afastar de forma que estejam perto mas não agarrados uns nos outros. As famílias retrofletidas por sua vez, são aquelas com fronteiras impermeáveis, duras e rígidas. Elas invertem a direção do fluxo, de forma que a energia fica retida nela mesma, não sendo dirigida para o mundo mais amplo. Nestas configurações dificilmente há privacidade, havendo superproteção e conseqüentemente, não permite um senso de autonomia e independência.

Por fim, as famílias desorganizadas são as que têm as fronteiras muito frouxas, não tendo nenhuma coesão. Elas geralmente têm séria perturbação do contato e do apoio mútuo da família, e por conta disso, a comunidade tem uma fácil intrusão. Os adultos deste tipo de sistema são aqueles que ficam separados uns dos outros e das crianças, que por sua vez podem ser negligenciadas de forma física e psicológica.

Entretanto, quando falamos de sistemas falamos de que as partes que os compõem estão totalmente interligadas. Isso nos mostra que quando falamos de relações familiares não podemos responsabilizar um único membro pela luta da família, a dinâmica do sistema em si, num todo, é responsável pelas relações funcionais ou disfuncionais. Zinker (2001, p.77) ainda acrescenta que “todas as famílias vão desde o extremo da proteção mútua até a falta de atenção e senso de alienação no outro extremo. Nenhuma família está sempre em equilíbrio perfeito”.

Tendo em vista, então, que o equilíbrio se altera, Aguiar (2014) nos diz que a perspectiva de totalidade autorregulada e relacional que a Gestalt-terapia confere ao ser humano também é válida para nossa forma de perceber o grupo familiar, assim como a noção de desenvolvimento contínuo da família, considerando as sucessivas configurações sempre que há alteração no equilíbrio do sistema.

Portanto, dizemos em Gestalt-terapia que a família é autorregulada e isso é de grande importância quando falamos de criança, pois assim como os demais membros se movimentam em prol da homeostase, a criança também influencia e é influenciada por todas as partes e pelo todo, sendo ela muitas vezes o ponto de equilíbrio para toda a dinâmica familiar.

Assim, o comportamento da criança, ainda que incomode os pais, parece estar a serviço de um equilíbrio maior, o que na maioria das vezes não é percebido pela família. [...] Assim como o ser humano, a família desenvolve-se como totalidade em sucessivas reconfigurações com base em necessidades emergentes percebidas como um desequilíbrio momentâneo no campo. [...] A família, como totalidade, buscará a melhor forma possível de manter-se, obedecendo ao princípio da autorregulação e realizando ajustamentos criativos. Muitas lidarão de forma satisfatória com suas necessidades de equilíbrio, permitindo a manutenção do funcionamento saudável de cada um de seus membros. Outras, em busca de autorregulação, alcançam formas pouco ou parcialmente satisfatórias, fazendo que um ou mais membros sacrifiquem seu próprio funcionamento saudável em prol da manutenção da dinâmica familiar. (AGUIAR, 2014, p.70-1)

Sendo assim, Silveira (2005) irá dizer que se tratando de terapia familiar, um sintoma então é encarado como expressão de uma disfunção no sistema. Nesta visão, o indivíduo que apresenta algum sintoma, sendo chamado de paciente identificado, é aquele que denuncia a doença do sistema familiar.

Considerando esta visão de família para a Gestalt-terapia, falaremos no próximo capítulo sobre o desenvolvimento infantil nesta abordagem assim como sobre a função e a influência da família neste processo, sendo estas positivas ou negativas.

III – UMA VISÃO DE DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA GESTALT-TERAPIA.

III.1 A VISÃO DE HOMEM NA GESTALT-TERAPIA

Considerando que em Gestalt-terapia temos uma visão integral e não fragmentada do homem, sendo esta embasada pelo holismo, Aguiar (2014) nos diz que o ser humano é percebido como um ser *global*, como uma unidade. Enquanto ser total, precisamos considerar suas características e os elementos do campo no qual está inserido; isto significa compreendê-lo para além das características isoladas, relacionando-as entre si e com a totalidade do campo mais amplo do qual o ser humano faz parte. Desta forma, quando uma parte é afetada conseqüentemente a totalidade do indivíduo também será.

Como uma unidade indivisível, o homem se constitui a partir das relações que estabelece com o mundo, sendo um ser *relacional*. Antony (2006, p.1) afirma dizendo: “a *Gestalt* compreende o ser humano como um ser-de-relação cuja individualidade é constituída a partir de sua contínua e dinâmica interação com o mundo-outro.” Sendo este um processo contínuo e onde o campo e seus elementos são fluidos e mutáveis, o ser humano é um constante vir a ser, estando sempre em transformação e nunca estando pronto.

Assim, podemos afirmar que, além de global e relacional, o ser humano para a Gestalt-terapia é *contextual*, sendo atravessado por inúmeros elementos do campo do qual faz parte, afetando sua relação com o outro e consigo mesmo. Yontef (1998) define o campo como uma complexa teia de forças inter-relacionadas, sendo mutuamente influenciável e que se reúne no tempo e no espaço formando uma totalidade unificada. Podemos dizer assim que não há uma perspectiva linear ou causal na compreensão do ser humano, mas uma “noção de circularidade e retroalimentação entre as partes componentes do campo organismo-meio.” (AGUIAR, 2014, p.31)

Desta forma, acreditamos que além do indivíduo ser transformado pelo meio, ele é totalmente ativo nesta dinâmica, sendo também *transformador*; ou seja, assim como é influenciado pelo mundo, pode influenciá-lo e transformá-lo a fim de que possa se tornar mais assimilável. Aguiar (2014) traz como exemplo a própria criança, quando ainda é um bebê. Aparentemente um ser indefeso, sem muitas capacidades de ação,

sendo dependente do auxílio e cuidados do adulto, porém, ele é totalmente ativo. A dependência do bebê gera um desequilíbrio no campo familiar, necessitando de uma nova reconfiguração, modificando toda a dinâmica de funcionamento da família e fazendo então com que haja muitas transformações.

Podemos observar que esta capacidade de ser ativo e passivo, de transformar e ser transformado ao mesmo tempo, acontece de forma singular em cada indivíduo. Com isto, vemos que para a Gestalt-terapia o ser humano é *singular*. Apesar de ter aspectos comuns, cada ser é absolutamente único. Contudo, Costa (2002) acrescenta que não são os aspectos individuais que compõem o homem que os define e lhes dá um significado específico e particular, mas sim a organização de fatos, percepções, comportamentos ou fenômenos, o que nos possibilita dizer que a singularidade desse ser total apresenta-se nesse todo e não em características isoladas.

Toda esta forma de ser-no-mundo do homem gestáltico é organizada pelo que chamamos de autorregulação organísmica, na qual o ser humano interage com o mundo no sentido de manter suas necessidades fisiológicas e psicológicas, visando o melhor equilíbrio possível. Desta forma, dizemos que o indivíduo é *autorregulado*. “A tendência à autorregulação é comum a todo ser humano, pois é a forma que ele busca para satisfazer suas necessidades de ser relacional no mundo.” (AGUIAR, 2014, p.33)

Perls (2011) afirma que:

o organismo tem tanta necessidade psicológica como fisiológica de contato; ela é sentida cada vez que o equilíbrio é perturbado, assim como as necessidades fisiológicas são sentidas sempre que o equilíbrio fisiológico é alterado. No entanto, quero tornar bem claro que este processo psíquico não pode ser divorciado do fisiológico; que cada um contém elementos do outro. (PERLS, 2011, p.22)

Aguiar (2014) então afirma que o contato é central e vital na vida do ser humano e é através da fronteira de contato³, sendo esta a que discrimina e limita o eu do não eu, que podemos fazer as trocas autorreguladoras. Desta forma, é na fronteira que ocorre a seleção daquilo que é nocivo e do que é nutritivo para o indivíduo, fazendo com que haja recusa ou transformação do que vem do mundo para assim assimilarmos e integrarmos o que for necessário para a volta do equilíbrio na relação organismo/meio.

³ Ver o conceito Contato e Bloqueios de Contato no Capítulo I.

III.2 O DESENVOLVIMENTO INFANTIL NA PERSPECTIVA GESTÁLTICA

Considerando a visão do homem na Gestalt-terapia, que foi explicitada acima, podemos dizer que sua visão de desenvolvimento se apresenta diferentemente da tradicional, sendo esta última estabelecida como uma linearidade na qual conteúdos universais e naturais fragmentam e reduzem o homem em áreas ou marcos cronológicos. O desenvolvimento na Gestalt-terapia se baseia na sua visão de homem e na perspectiva de desenvolvimento apresentada por Perls, Hefferline e Goodman (1997), sendo fundamentada com os conceitos de autorregulação orgânica e ajustamento criativo.

Aguiar (2014) diz que as teorias de desenvolvimento humano tendem a dar ênfase a uma parte somente do funcionamento do homem, por exemplo, a intelectual, a psicossocial ou a aprendizagem social, fazendo com que se apresentem como “teorias da parte”. Já a Gestalt-terapia defende a visão do todo no desenvolvimento e de como cada parte se relaciona e se articula. Desta forma, assim como vemos em Ribeiro (1985), podemos dizer que a Gestalt-terapia não separa o biológico do social, mas articula-os havendo uma interação, um constante diálogo, de acordo com a noção de ser no mundo apresentada pela Fenomenologia, na Teoria de Campo, na Teoria Organísmica e na visão de todo da Psicologia da Gestalt.

Na medida em que o homem é um ser no mundo, uma aquisição específica é proporcionada em parte por elementos orgânicos e em outra por elementos situacionais e, uma vez adquirida, vai afetar também esse meio, em uma constante e ininterrupta retroalimentação. [...] Assim, é importante ressaltar que quando falamos de interação organismo/meio não estamos estabelecendo uma relação causal entre eles, mas referindo-nos a uma totalidade articulada numa teia recíproca de relações. (AGUIAR, 2014, p.50)

Sendo assim, o desenvolvimento para a Gestalt-terapia é ininterrupto na interação homem-mundo, sendo uma relação caracterizada pelas possibilidades de ação e transformação do meio de forma que se ajuste da melhor maneira possível às circunstâncias, se distanciando de uma característica de passividade.

Concordando com Costa (2002), toda esta interação se dá através do que chamamos de autorregulação orgânica ou homeostase, fazendo com que todo

comportamento seja direcionado mediante as necessidades que surgem e que precisam ser satisfeitas, buscando o equilíbrio e a melhor maneira de se estar no mundo. Desta forma, Aguiar (2014) diz que este processo movimenta o ser humano no mundo, abrindo espaço para aquisições e possibilidades de transformação ao longo do tempo.

Frazão (1999) irá acrescentar ainda que o que possibilita esta interação do indivíduo com o seu meio é o contato e a *awareness*, sendo esta última a

capacidade de aperceber-se do que se passa dentro e fora de si no momento presente, tanto a nível corporal, quanto a nível mental e emocional. É a possibilidade de perceber, simultaneamente, o meio externo e interno, através de recursos perceptivos e emocionais, embora num determinado momento alguma coisa possa se tornar mais proeminente. (FRAZÃO, 1999, p. 3)

Sendo assim, a autora afirma que para que haja essa percepção, a *awareness*, é necessário haver contato, que como já descrito no capítulo anterior, se dá através dos nossos sentidos, fala e movimento, e é uma das condições básicas para o desenvolvimento, pois estando em contato a mudança simplesmente acontece. Isso nos possibilita dizer que como o ser humano está sempre em e fazendo contato, o desenvolvimento em Gestalt-terapia não se restringe apenas a um período de tempo, ou até uma determinada idade; o desenvolvimento é contínuo.

Quando falamos dessa interação do homem com o meio, falamos também de ajustamento criativo. Em todo o tempo desse processo de autorregulação, o organismo está se ajustando para que esteja em equilíbrio; buscando sempre a melhor maneira possível no momento diante das situações nas quais está inserido.

Porém, Frazão (1999) nos diz que, no decorrer do desenvolvimento, a satisfação de certas necessidades poderá rivalizar com a manutenção da relação com o outro. Quando isto acontece, a pessoa, através do ajustamento criativo, buscará formas diferentes de expressar suas necessidades, mantendo ao mesmo tempo, a relação com o outro. Contudo, se essas tentativas falharem, haverá conflito, de forma que o ajustamento, ao invés de ser funcional, se tornará disfuncional e o funcionamento se tornará não saudável.

A escolha feita pela pessoa é sempre a escolha que aquela pessoa, naquela circunstância, com aquela experiência **pôde** fazer. A escolha feita foi em função de uma necessidade que considero absolutamente

verdadeira e legítima: a de sobreviver psiquicamente, mantendo a relação com o outro. [...] as respostas adaptativas necessárias à sobrevivência, que observamos em funcionamento não saudável, resultam de processos de autorregulação orgânica, são (em sua origem) ajustamentos criativos e constituem aquilo que é **possível**. (FRAZÃO, 1999, p.7)

Desta forma, concordamos com Aguiar (2014) quando diz que o desenvolvimento é caracterizado por este movimento de busca de equilíbrio, da melhor maneira possível de configurar-se no mundo a cada momento, mesmo que não seja a ideal ou totalmente satisfatória. A autora irá apontar que, deste ponto de vista, os sintomas se configuram como tentativas de ajustamentos criativos às condições do campo.

Os sintomas constituem-se em ajustamentos criativos não saudáveis ou pouco satisfatórios, uma vez que, apesar de fornecer alguma satisfação para a(s) necessidade(s) em questão, não a(s) satisfaz plenamente, implicando uma série de consequências desagradáveis e / ou prejudiciais ao indivíduo. (AGUIAR, 2014, p.54)

É através dos ajustamentos criativos, então, que a criança vai pouco a pouco se constituindo, e se inserindo de forma cada vez mais ampla no mundo, adquirindo recursos, assimilando, transformando, aprendendo e produzindo coisas. Desta forma, podemos concluir que o desenvolvimento é uma sucessão contínua de ajustamentos criativos e por consequência,

a criança não é vista como um ser inacabado, imaturo ou imperfeito em contraposição a um indivíduo adulto maduro, desenvolvido, acabado; tampouco o desenvolvimento é visto como uma história de fases rumo a um objetivo final, mas como um percurso construído com momentos singulares sucessivos que são em si completos no aqui e agora de cada criança. (AGUIAR, 2014, p.55)

III.2.1 O processo de desenvolvimento

Segundo Aguiar (2014), o processo de desenvolvimento do ser humano tem o seu início com a indiferenciação entre o bebê e o mundo no qual ele está inserido, sendo um

período marcado pela total dependência da criança em relação ao adulto, mas que vai caminhando para uma maior diferenciação e autonomia em relação ao outro. Este processo de transferência do apoio ambiental para o auto-apoio, é o que chamamos de autossuporte ou maturidade, estando descrito no primeiro capítulo. Desta forma, vemos que “o ser humano nasce em uma situação de total dependência do outro e progressivamente adquire recursos para escolher aquilo que ele precisa do outro e decidir de que forma e com que intensidade vai buscá-lo.” (AGUIAR, 2014, p.56)

A mesma autora ainda dirá que este caráter relacional do desenvolvimento está presente desde a vida intrauterina, desde as transformações no organismo da mulher e ao mesmo tempo no feto, que precisa do suprimento da mãe para desenvolver-se até o meio nos quais estão inseridos, o que significa dizer que até mesmo a gestação afeta todo o meio - família, trabalho, amigos etc. – e as relações, sendo ao mesmo tempo afetada por estes.

Como nos diz Antony (2006):

Ontologicamente, somos um ser-de-relação, ser do contato⁴ e para o contato. Nascemos da interação, da comunicação, do encontro com um outro ser. Desde o útero, estabelecemos uma relação de reciprocidade em que somos afetados e afetamos; somos influenciados e influenciemos um outro. O desenvolvimento humano entrelaça diversas histórias de vida, sendo resultado de múltiplas coexistências, onde todo fenômeno psicológico emerge da co-regulação entre dois ou mais organismos, da troca emocional vivida no campo experiencial entre eu-outro. (ANTONY, 2006, p.4)

Concordamos então com Aguiar (2014) quando diz que a pré-história da criança é de tamanha importância quanto a sua história relacional após o nascimento, pois a forma como ela foi recebida pelos adultos e a configuração do campo a qual já estava inserida desde a gestação encaminharão sua interação com o mundo. Sendo assim, o bebê nasce já mergulhado no contexto maior de sua história de vida e experiências familiares, que, desta forma, influenciarão as introjeções iniciais oferecidas a ele.

No primeiro capítulo abordamos detalhadamente o conceito de introjeção, porém aqui apontaremos para a introjeção de forma mais específica aos primeiros momentos deste processo de desenvolvimento.

Antony (2010), então nos descreve esta introjeção inicial da seguinte forma:

⁴ Este conceito está explicitado no Capítulo I.

A introjeção é o processo primário de internalização de crenças, valores e pensamentos transmitidos pelos pais, pela cultura e por outros ambientes significativos nos quais a criança vive. Pode interferir no desenvolvimento psicoemocional saudável e, se mal administrada, provocar distúrbios emocionais, produzindo uma inautenticidade do eu. A introjeção é uma mensagem que ouvimos sobre nós mesmos ou uma ordem que recebemos de nossos pais, desde criança, e “engolimos” sem assimilar. A criança inicialmente não tem consciência reflexiva desenvolvida que lhe dê a capacidade de digerir, significar, elaborar conceitos, normas, valores e imposições parentais. Ela tende a não questionar ou discriminar a validade dessas mensagens; não tem a habilidade cognitiva de pensar: “Isso não tem a ver comigo, isso não combina comigo ou isso tem a ver comigo.” (ANTONY, 2010, p.92)

Posto isto, podemos dizer que este momento das introjeções iniciais é de grande importância no desenvolvimento. São elas que, segundo Zanella (2010) interferem e atualizam o desenvolvimento do bebê. Além de muito importante, este é um processo muito delicado, tendo em vista que ainda não existe a capacidade de elaboração e reflexão nos primeiros anos da criança.

Segundo Ranaldi (2010), a criança vai recebendo e decodificando, do seu modo, mensagens sobre si mesma que vão sendo introjetadas. Muitas vezes, os autoconceitos que surgiram como consequência de introjeções advêm de palavras e frases ditas com certa frequência por pessoas significativas para essa criança. Entretanto, por outras vezes também podem surgir de conclusões tiradas pela própria criança referente às situações vividas. Por isso, Oaklander (1980, p.309) diz que “quando uma criança sustenta que é estúpida, feia ou má, não há nada que possamos dizer ou fazer para alterar *imediatamente*⁵ essa autoimagem”.

Assim também, não podemos falar do desenvolvimento inicial do ser humano sem nos referirmos a presença do meio familiar, especialmente da mãe – ou quem exerce essa função materna.

Aguiar (2014) nos aponta que o bebê nasce com poucos recursos para lidar com as demandas do mundo, fazendo-o completamente dependente de outro neste primeiro momento. Com isto, estabelece uma relação marcada pela indiferenciação com este outro significativo, que por sua vez terá a responsabilidade de suprir as necessidades do

⁵ Grifo nosso, tendo em vista que durante o processo de psicoterapia esta realidade pode mudar. Porém, não de forma imediata.

bebê e de apresentar-lhe o mundo. Essa dependência e indiferenciação, presentes no princípio, chamamos de confluência⁶ inicial. Com isso, Antony (2006) irá dizer:

O nascimento dá início ao drama da união/separação que constitui a *gestalt* original inacabada. Antes de se separar do corpo acolhedor da mãe, o bebê esteve em um estado de fusão ou conexão quase absoluto, de dependência do organismo da mãe que tem a função de filtro emocional e nutricional das experiências do bebê. Ao nascer, rompe esse estado de confluência biológica primária, porém permanece a confluência psicológica, a indiferenciação entre eu-não eu, onde não há a consciência da existência psíquica de si mesmo ou do outro. (ANTONY, 2006, p.4)

De acordo com Aguiar (2014), esta confluência inicial, aos poucos vai possibilitando a construção de uma diferenciação através das introjeções oferecidas ao bebê sobre o que é o mundo, quem é ele e quem é o outro. No primeiro momento ele introjeta praticamente tudo, sendo um processo muito importante e fundamental para o estabelecimento de um sentido de organização, segurança e apreensão do mundo. Estas introjeções constituem um conhecimento de si e uma noção de eu no mundo que está em relação com o outro. Com a função organizadora que os cuidadores assumem, dizendo a hora de dormir, de comer, o que é certo ou errado, vai se construindo esta diferenciação e a criança vai aprendendo a internalizar sua possibilidade de autorregulação. Ou seja, aos poucos vai estabelecendo um limite entre ela e o outro, entre o que é dela e o que não é dela, se percebendo como um ser separado do outro, com suas próprias necessidades e meios para supri-las.

Um ponto de muita importância para que aconteça a diferenciação entre a criança e o outro é a possibilidade da discriminação. A criança que introjetava tudo sem assimilação e reflexão, passa a avaliar o que vem de fora e descobre que não precisa aceitar tudo que vem do mundo ou dos adultos, que algumas coisas têm a ver com suas necessidades ou com aquilo que deseja, mas outras não.

Conforme nos aponta Polster e Polster (2001):

A criança aceita qualquer coisa que ela não experimente rapidamente como nociva. Ela pode aceitar sua comida sob a forma em que lhe é oferecida ou pode cuspi-la. No início, não pode refazer a substância para que esta lhe seja mais adequada, como fará mais tarde quando começar a mastigar. Quando ela pode mastigar, aprende como

⁶ Este conceito está explicado no Capítulo 1.

reestruturar aquilo que entra em seu sistema. Entretanto, antes disso, ela engole confiantemente o alimento que lhe é proporcionado – e de um modo similar, engole também as impressões da natureza de seu mundo. (POLSTER; POLSTER, 2001, p.86-7)

De acordo com este trecho dos Polster, Aguiar (2014) nos apresenta dois tipos de discriminação que, sendo permitidos e facilitados pelo ambiente, serão fundamentais para o desenvolvimento da autonomia, de uma boa autoestima, da capacidade de escolha e da responsabilidade: *a discriminação reativa e a discriminação criativa*. A primeira, a autora assemelha ao cuspir, consistindo em rejeitar aquilo que vem de fora e é percebido pela criança como não assimilável ou não estando de acordo com suas necessidades. Nos primeiros meses isso acontecerá de forma não verbal, como por exemplo, cuspiendo a sopinha. Mais tarde, verbalmente com negações e confrontos, dizendo os “nãos” como forma de marcar suas necessidades singulares e afirmando sua diferenciação do resto do mundo.

A segunda, discriminação criativa, é a fase que se sucede à primeira, na qual a criança vai crescendo e percebendo que algumas coisas são importantes para ela, mas que talvez precisem ser modificadas, pois não servem totalmente da forma como lhes foram apresentadas. Nesse momento, então, a criança passa do engolir/cuspir para o ato da mastigação, experimentando a possibilidade de transformar, recriar, negociar, não engolindo tudo por inteiro; transformando o que vem do meio de modo que se torne nutritivo e satisfaça as suas necessidades.

Outro elemento crucial neste processo de diferenciação é a vivência de limites, entendendo-os não como imposições arbitrárias dadas em uma relação de poder e autoritária, mas sim como forma de estabelecer um parâmetro de mundo e de possibilidades de relação, trazendo segurança e certa previsibilidade para a criança acerca do que pode enfrentar no mundo. Sendo assim, o limite dá contorno, permitindo que a criança se diferencie do meio.

Considerando tudo isto,

ao enfatizarmos a importância dos limites no desenvolvimento do ser humano, é fundamental destacarmos a necessidade de equilíbrio ao oferecê-los, uma vez que o excesso de limites pode ser dificultador, em especial no que diz respeito ao desenvolvimento de autonomia, à capacidade de escolha e à resolução de problemas. Seu inverso é igualmente desastroso, contribuindo para crianças perdidas, inseguras

e com uma noção equivocada do mundo, das pessoas e dos seus direitos e deveres. (AGUIAR, 2014, p.65)

Além das introjeções, confluências iniciais e este processo de diferenciação e discriminação, o contato e as suas funções⁷ também está presente no desenvolvimento, assegurando mais alternativas de ajustamentos criativos no mundo.

Perls (1977) nos diz que uma das características do neurótico é a de não fazer um bom contato, gerando vivências inacabadas, interrompendo o seu processo contínuo e assim, perturbando o organismo.

Costa (2002) acrescenta que:

Durante todo o processo de desenvolvimento, novas necessidades vão surgindo e todo este processo de contato com o meio vai se tornando mais complexo. Uma vez que a interação organismo/meio encontra-se dentro de um campo mutável, observamos que, necessariamente, o organismo precisa atualizar suas formas, suas técnicas de manipulá-lo. A não atualização destas formas sugere um diálogo interrompido entre organismo/organismo e organismo/meio e, conseqüentemente, distúrbios de contato. (COSTA, 2002, p.4)

Como já descrito no primeiro capítulo, podemos dizer que essa não atualização faz com que essas formas e técnicas de manipular o meio se tornem rígidas, trazendo um desequilíbrio no processo de autorregulação do organismo. Os mecanismos neuróticos – introjeção, projeção, retroflexão, proflexão, deflexão, confluência – podem então ser considerados como mecanismos de defesa ou de evitação de contato, podendo ser “saudáveis ou patológicos, conforme sua intensidade, sua maleabilidade, o momento em que intervêm e, de uma maneira mais geral, sua oportunidade”. (GINGER; GINGER, 1995, p.132) Costa (2002, p.7) acrescenta: “todas estas disfunções de contato, entre outras, são fruto de diálogos abortados entre o organismo e o meio”.

Portanto, podemos dizer que o processo de desenvolvimento do ser humano se baseia por todo momento em ajustamentos criativos e no movimento da autorregulação, buscando sempre o equilíbrio para o organismo, da melhor maneira que lhe for possível no determinado momento.

⁷ Ver Capítulo I.

III.3 A INFLUÊNCIA DAS RELAÇÕES FAMILIARES NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL E A FUNÇÃO DA FAMÍLIA NESTE PROCESSO.

Uma vez apresentada o ponto de vista da Gestalt-terapia sobre família, é de grande importância falarmos sobre o seu papel básico no desenvolvimento do ser humano, principalmente no período da infância, considerando que a criança é parte íntima no campo dos pais, como diz Perls, Hefferline e Goodman (1997).

Aguiar (2014) nos aponta que a família assume o papel daquele que confirma o ser humano em sua especificidade, possibilitando desta forma a sua diferenciação com o outro. Ao mesmo tempo em que a família tem a tarefa de acolher, satisfazer e oferecer proteção àqueles que a constitui, ela também assume a tarefa de frustrar, aceitar as diferenças e facilitar o desenvolvimento da autonomia.

Por esta razão, quando uma criança não estabelece vínculos familiares, ou vínculos que supram o papel da família, como por exemplo, uma criança que foi abandonada ou que é ameaçada, Antony (2006) diz que geralmente elas usarão o mecanismo da confluência pela necessidade de dependência, cuidado, proteção, fazendo com que haja uma confusão de fronteiras entre ela e o outro. A autora diz que a criança sofre da angústia da ausência da presença, não existindo sem o outro. Por consequência disto, “a perda do contato primário com uma figura cuidadora conduz à perda da habilidade de fazer contato.” (BRITO; ANTONY, 2010, p.174)

Aguiar (2014) aponta outra questão mais comum ainda que a situação de abandono do exemplo acima. Ela irá dizer que nas famílias onde não há coesão alguma, com ausência do apoio mútuo entre os membros – famílias com fronteiras frouxas, como explicado anteriormente – geralmente as crianças ficam desprotegidas e precisam sobreviver com poucos recursos. Costuma-se observar que essas

[...] crianças ficam famintas de atenção dos amigos, dos professores e dos vizinhos. Em alguns casos, tentam chamar a atenção roubando ou, de algum outro modo, pegando aquilo que não lhes pertence. Elas podem receber atenção por intermédio de ações disciplinadoras na escola ou de policiais. Seus sentimentos estão profundamente enterrados e suas fronteiras individuais não são facilmente acessíveis. (ZINKER, 2001, p.80)⁸

⁸ Esses tipos de comportamento não se restringem, podendo haver outras diversas possibilidades de ação da criança, estando em consonância com a visão da Gestalt-terapia de homem e o sentido de sintoma, que é singular para cada criança.

Por outro lado, também vemos em Antony (2014) famílias que estão polarizadas na confluência, nas quais a diferença não tem lugar e por isso não há possibilidade de troca. Sobre estas, Zinker (2001) irá dizer que as crianças comumente poderão ter fobias escolares, dificuldade para sair de casa, casar-se ou ir para faculdade, por exemplo.

Sobre o papel confirmador que a família ocupa, é fundamental que a criança seja confirmada como um todo, incluindo seus sentimentos e necessidades. Como bem nos aponta Aguiar (2014), a confirmação se difere da aceitação, no sentido de que confirmar, por exemplo, um sentimento de raiva não significa aceitar a forma como essa raiva será expressa, quebrando objetos, batendo, etc. A grande tarefa do adulto neste momento é então confirmar o sentimento da criança, possibilitando-a perceber que é um sentimento como qualquer outro e ajuda-la a encontrar formas satisfatórias e adequadas de acordo com seu contexto para que ele seja expresso.

Ao contrário disso, quando o adulto critica e pune a criança por tal sentimento, a mesma se sente má, inadequada e sem formas de expressá-lo, recorrendo a mecanismos de evitação de contato e por vezes fazendo ajustamentos criativos que mais tarde, se cristalizados, se tornarão disfuncionais, produzindo possivelmente padrões de contato não nutritivos, como nos alerta Antony (2006).

Por conseguinte, vemos o quanto a família permeia este processo de desenvolvimento do ser humano. Especialmente na infância onde o apoio ambiental é de fundamental importância, as relações que se dão dentro deste sistema influenciarão de diferentes formas os comportamentos, os ajustamentos criativos realizados e de um modo geral quem a criança está sendo no aqui-agora, tendo em vista que ela faz parte deste todo, constituindo e sendo constituída.

Por esta razão, concordamos com Ribeiro (1985) quando diz que o ser humano é capaz de se autogerir e se autorregular. Entretanto, todos os indivíduos se regulam baseados nas trocas ambientais que realizam, confirmando quando Perls (2011) diz que o indivíduo só pode ser compreendido num campo circundante, estando o seu comportamento em função do campo total. E por isso, o tipo de relação entre a pessoa e o seu meio determinará seus comportamentos e orientará a formação da sua personalidade.

Posto então que as relações familiares influenciam diretamente este processo, Antony (2010) acrescentará a respeito das psicopatologias, dizendo:

Em Gestalt-terapia, a psicopatologia é relacional, fruto de uma perturbação em dada relação significativa. A doença resulta de um distúrbio no campo, em algo que rompe a unidade criança-outro-ambiente, tendo origem no “entre” a criança e os diversos outros “eus” que fazem parte do seu mundo. (ANTONY, 2010, p.83)

Sendo assim, normalmente, o sintoma da criança representa uma figura que se destaca de um fundo, de um todo – família - desorganizado e desarmonizado, sendo a “doença” da criança a doença da família.

Miller (1997, p.19) também fala que para que o desenvolvimento saudável seja possível, “os pais precisariam também ter sido criados numa atmosfera parecida. Esses pais transmitiriam ao filho o sentimento de segurança e aconchego, que permite o desenvolvimento da autoconfiança da criança.” Contudo, pais que não foram criados nessa atmosfera, a autora dirá que eles procuram durante toda a vida aquilo que seus próprios pais não puderam lhes dar: total dedicação, compreensão e seriedade em quem eles são, carregando assim uma necessidade insatisfeita, logo, uma *gestalt* aberta. Desta forma, “o mais adequado e mais disponível para suprir essa carência são os próprios filhos.” (MILLER, 1997, p.19)

Posto isto, Ranaldi (2010) diz que as crianças introjetam as *gestalten* abertas dos pais, que por sua vez, projetam nelas. Portanto,

mesmo pais bem intencionados impedem o desenvolvimento pleno das potencialidades da criança, uma vez que intencionam transmitir seus próprios valores e adaptá-la à cultura com suas normas e crenças. Isto fatalmente dá origem a dois processos: mutilação/alienação de algumas atitudes originais e o desenvolvimento artificial de outras. Esse é o dilema existencial do indivíduo: ser o que sou ou ser o que esperam que eu seja? Ter uma personalidade espontânea ou deliberada? (ANTONY, 2006, p.6)

Assim sendo, podemos dizer que os pais podem deformar a personalidade de seus filhos quando projetam neles suas necessidades, suas situações inacabadas, buscando reviver e fechar essas *gestalten* na relação com os próprios filhos. A consequência disto é que muitas vezes a criança pode se acomodar às necessidades dos pais, deixando as suas de lado, em busca de satisfazê-los, e com isso “a pessoa desenvolve uma postura na qual apenas mostra o que é esperado dela, fundindo-se a essa imagem.” (MILLER, 1997, p.23)

Outra questão importante e presente nas relações é que, como falamos anteriormente, a criança utiliza o mecanismo da introjeção como um instrumento para adquirir conhecimentos, informações, normas, etc. e ao mesmo tempo ela está completamente imersa no campo fazendo contato direto com tudo o que o perpassa. Desta forma, a criança, sem ainda muita aquisição de filtrar aquilo que vem do meio, também introjeta aquilo que o campo está dizendo ao seu respeito. Tomemos o exemplo trazido por Brito e Antony (2010) sobre a criança abrigada que, geralmente, foi rejeitada desde a gestação. Ela entra em contato com a dor da rejeição muito cedo e vive essa realidade por muito tempo. Ao longo de seu desenvolvimento, ela carrega essa dor, confirmando sempre a ideia de que não merece o amor do outro e passa a se comportar de forma que os outros a rejeitem, provocando para que a tratem mal, pois acredita que é merecedora de ódio. Considerando isto, Antony (2010) diz:

“Após longa prática clínica, passei a considerar que as doenças psicológicas são doenças do AMOR: da falta de amor, do excesso de amor, do amor possessivo e egoísta, do amor deformado que gera o medo de amar e ser amado.” (ANTONY, 2006, p.6)

Com isto, podemos perceber que as introjeções vão demarcando o comportamento da criança, influenciando de forma muito direta sua forma de ser-no-mundo.

Por fim, lembramos novamente que ninguém adoece sozinho. O mundo nos adoece e nós adoecemos o mundo, pois somos seres relacionais. Sendo assim, a falha muitas vezes não está apenas nos cuidadores ou na criança, mas na dinâmica do sistema familiar, algo na forma de funcionamento que está agindo de forma a gerar ajustamentos disfuncionais, interrompendo ou bloqueando contatos e, por consequência, colocando sob ameaça a relação com as figuras parentais significativas. (Antony, 2006).

Concluimos, então, com as palavras de Aguiar (2014):

A família é então o contexto no qual as habilidades relacionais florescerão primeiro. O desenvolvimento de tais habilidades na criança de forma mais ou menos satisfatória dependerá das habilidades relacionais dos outros membros da família, em especial dos adultos, que por sua vez desenvolveram-nas em suas famílias de origem – e assim progressivamente. A presença de situações inacabadas e de pontos de interrupção no desenvolvimento de cada um dos membros da família concorrerá para um ajustamento mais ou

menos satisfatório. A criança, parte desse contexto, construirá suas possibilidades de autorregulação, em parte, em função daquelas oferecidas pelo meio e, em outra, dos seus próprios recursos e necessidades, apresentando um funcionamento saudável ou não em sua relação com o mundo como fruto dessa interação. (AGUIAR, 2014, p.79-80)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa bibliográfica realizada, vemos que a Gestalt-terapia traz consigo a visão de que o homem é um ser de relação, que constitui e é constituído pelas trocas com o seu meio, sendo este o campo no qual está inserido. Desta forma, podemos ver que nesta abordagem o ser humano é visto como um ser total, holístico, fazendo com que o olhemos para além da individualidade, considerando sempre o seu contexto e os elementos pertencentes a este, pois a todo momento o homem é atravessado por eles.

Portanto, é através do contato com este campo e consigo mesmo que vamos sendo constituídos, buscando sempre o equilíbrio do organismo, visando a autorregulação. Esta por sua vez se dá pela dinâmica da satisfação das necessidades que surgem, respeitando a ordem de prioridade que nosso organismo estabelece. Contudo, como vimos neste trabalho, quando uma necessidade não consegue ser satisfeita, dizemos que uma *gestalt* está aberta e o não fechamento desta faz com que o organismo não esteja em equilíbrio.

Nesta dinâmica de abertura e fechamento de *gestalten* vamos fazendo ajustamentos criativos de forma que consigamos nos ajustar da melhor maneira possível no aqui-agora; porém, um ajustamento pode ser funcional para aquele momento, mas se cristalizado, poderá se tornar disfuncional, impossibilitando diferentes formas de ação do indivíduo.

Considerando, assim, todas essas premissas da Gestalt-terapia, vemos que esta abordagem entende o desenvolvimento como ininterrupto na interação homem-mundo. Esta relação proporciona possibilidades de ação e transformação, tanto no meio quanto no indivíduo, de forma que se ajuste da melhor maneira possível às circunstâncias, sendo o ser humano completamente ativo neste processo. Resumidamente, podemos dizer então que o desenvolvimento é uma sucessão contínua de ajustamentos criativos.

A Gestalt-terapia acredita ainda que, quando falamos de desenvolvimento infantil precisamos enxergar para além da criança; precisamos olhar para o campo no qual ela está inserida, para as suas relações e para os elementos que a atravessam, percebendo também a forma como atravessam. Logo, precisamos olhar para a família, pois é o primeiro campo relacional de que ela faz parte.

Assim como vimos neste trabalho, tanto a criança quanto a família em si funcionam em busca da autorregulação, desta forma se ajustarão para que haja

equilíbrio. Entretanto, podemos ver que estes ajustamentos poderão ser funcionais ou não, implicando em relações saudáveis ou adoecidas.

Sendo assim, considerando tudo o que foi exposto neste trabalho, podemos concluir que a criança, no seu processo de desenvolvimento, é fortemente influenciada pelo seu campo e pelos adultos a quem ela confere um importante significado. Estes são geralmente seus pais ou quem assume esta função; ou seja, sua família. Desta forma, ela poderá ser influenciada pelas relações de forma positiva ou negativa, dependendo da dinâmica familiar e como as relações se dão neste sistema do qual ela faz parte.

Concluimos ainda que, muitas vezes, o sintoma da criança é na verdade o prenúncio da doença familiar, tendo em vista que, para a Gestalt-terapia, ninguém adoecce sozinho. Deste modo estabelecemos relações adoecidas com o mundo e somos adoecidos por ele, justamente pelo fato de sermos seres de relação, de troca, de contato.

Através deste trabalho, conseguimos alcançar o objetivo geral – entender como as relações familiares, saudáveis ou adoecidas, podem influenciar no desenvolvimento da criança – assim como os objetivos específicos, sendo os de refletir como se dá o desenvolvimento da criança a partir da Gestalt-terapia e auxiliar na compreensão de psicoterapeutas infantis e profissionais de outras áreas acerca do tema.

Este trabalho foi de grande importância para a minha vida acadêmica pois pude me debruçar nos estudos da abordagem gestáltica, passando por toda a teoria: desde seus pressupostos filosóficos, teorias de fundo e conceitos básicos, até a possibilidade de vê-los de forma tão específica e viva nas suas aplicações práticas, mesmo tendo sido através de pesquisas bibliográficas.

A realização deste trabalho me possibilitou, enquanto futura psicóloga e pessoa em constante construção, a aquisição de novos conhecimentos e formas de ver o ser humano em suas relações com o mundo, especialmente a criança; um “serzinho” aparentemente indefeso e inofensivo, mas cheio de potência, ativo e transformador. Possibilitou-me enxergar o quanto as relações são vivas, presentes, penetrantes; o quanto podemos tocar e sermos tocados pelo outro, desde suas alegrias e conquistas, até suas tristezas e enfermidades.

Acabo de escrever este trabalho sendo uma pessoa diferente de quem era no início deste, pois durante este processo pude repensar, ter encontros e desencontros, desconstruir e reconstruir, vivendo o que a Gestalt-terapia nos desafia todos os dias: experimentar o contato pleno, sendo este, como nos diz Ribeiro (2007, p.16): “a grande força de transformação e mudança.”

São essas mudanças, transformações e ajustamentos que energizam ativamente o processo de desenvolvimento do ser humano. Por esta ocasião, finalizo este trabalho com as palavras do grande escritor Rubem Alves:

“Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses.”

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Flávio. “Autoapoio, apoio ambiental e maturação”. In: D’ACRI, Gladys, LIMA, Patricia, ORGLER, Sheila (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2012.

AGUIAR, Luciana. **Gestalt-Terapia com crianças: teoria e prática**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2014.

ALVIM, Mônica B. “Teoria organísmica, organismo, campo organismo/ambiente”. In: D’ACRI, Gladys, LIMA, Patricia, ORGLER, Sheila (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2012.

AMATUZZI, Mauro M. Psicologia Fenomenológica: uma aproximação teórica humanista. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v.26, n.1, 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v26n1/a10v26n1.pdf>> Acesso em: 20 de fevereiro de 2016.

ANTONY, Sheila (Org.). **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010.

_____. A criança em desenvolvimento no mundo: um olhar gestáltico. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, ano 3, n. 04, 2006. Disponível em: <http://www.igt.psc.br/Artigos/a_crianca_em_desenvolvimento_um_olhar_gestaltico.htm> Acesso em: 04 de abril de 2015.

_____. A criança com transtorno de ansiedade: seus ajustamentos criativos defensivos. **Revista da Abordagem Gestáltica**, vol.15, n.1, p. 55-61, 2009.

_____. Os ajustamentos criativos da criança em sofrimento: uma compreensão da gestalt-terapia sobre as principais psicopatologias da infância. **Estudos e pesquisas em psicologia - UERJ**, Rio de Janeiro, n 2, p. 356-375, 2009. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v9n2/artigos/pdf/v9n2a07.pdf>> Acesso em: 25 de março de 2015.

ARAÚJO, Maria G. C. “Figura e fundo”. In: D’ACRI, Gladys, LIMA, Patricia, ORGLER, Sheila (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2012.

ARIÈS, Philippe. **História Social da criança e da família**. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.

BORGES, Anne T; CAPELLI, Dielli C; AZEVEDO, Monia K; VIEIRA, Jorge A. O conceito de liberdade no existencialismo sartreano. **Akrópolis**, Umuarama, v.17, n.1, p. 13-20, 2009.

BRITO, Mônica X; ANTONY, Sheila. “Abandono, abrigo e adoção: o que os pais precisam saber sobre as crianças e a realidade dos abrigos”. In: ANTONY, Sheila (Org.). **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010.

BUYS, Rogerio C. “A psicologia humanista”. In: JACÓ-VILELA, Ana Maria.; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco T. (Org.). **História da Psicologia: Rumos e percursos**. 2. Ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.

CARDOSO, Cláudio L. “Homeostase”. In: D’ACRI, Gladys, LIMA, Patricia, ORGLER, Sheila (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2012.

CIORNAI, Selma. “Funcionamento saudável, funcionamento não saudável”. In: D’ACRI, Gladys, LIMA, Patricia, ORGLER, Sheila (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2012.

_____. Relação entre criatividade e saúde na Gestalt-terapia. **Revista do I Encontro Goiano de Gestalt-terapia do Instituto de Treinamento e Pesquisa em Gestalt-terapia (ITGT)**. Goiânia, n.1, p.72-5, 1995.

COSTA, Virginia E.S.M. O diálogo abortado como a gênese dos transtornos da infância. **Revista do VIII Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica**, n.8, 2002.

D’ACRI, Gladys, LIMA, Patricia, ORGLER, Sheila (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2012.

DE LUCCA, Fernando. “Autorregulação orgânica”. In: D’ACRI, Gladys, LIMA, Patricia, ORGLER, Sheila (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2012.

ELÍDIO, Hugo. “Teoria de Campo”. In: D’ACRI, Gladys, LIMA, Patricia, ORGLER, Sheila (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2012.

EWALD, Ariane P. Fenomenologia e Existencialismo: articulando nexos, costurando sentidos. **Estudos e Pesquisas em Psicologia, UERJ**, Rio de Janeiro, ano 8, n.2, p. 149-165, 2008.

FERRAZ, Pierre. “Gestalt-terapia”. In: D’ACRI, Gladys, LIMA, Patricia, ORGLER, Sheila (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2012.

FONSECA, Afonso H. L. “Existencialismo”. In: D’ACRI, Gladys, LIMA, Patricia, ORGLER, Sheila (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2012.

FRAZÃO, Lilian M. A Compreensão do funcionamento saudável e não saudável a serviço do pensamento diagnóstico processual em Gestalt-terapia. **Palestra proferida no V Encontro Goiano da Abordagem Gestáltica**. Goiânia, 1999. Disponível em: <http://necpar.com.br/uploads/material/364processual_a_seviaco_-goiania.pdf> Acesso em: 05 de janeiro de 2016.

_____. Pensamento diagnóstico processual: uma visão gestáltica de diagnóstico. **Revista do II Encontro Goiano de Gestalt-Terapia**, Goiânia, n.2, p. 27-31, 1996.

GINGER, Serge, GINGER, Anne. **Gestalt: Uma Terapia do Contato**. 5. Ed. São Paulo: Summus, 1995.

GOMES, William B; HOLANDA, Adriano F; GAUER, Gustavo. Psicologia Humanista no Brasil. **Museu Virtual da Psicologia no Brasil**. Porto Alegre: MuseuPSI, 2004. Disponível em: < <http://www.ufrgs.br/museupsi/brasilpsio.htm>>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2016.

LARA, Tiago A. A que veio o humanismo? **Educação e Filosofia**, v.13, n.25, p.211-229, 1999.

LIMA, Patricia. O holismo em Jan Smuts e a Gestalt-terapia. Goiânia: **Revista da Abordagem Gestáltica**, vol. 14, n.1, 2008.

_____. Teoria organísmica. **IGT na Rede**, Rio de Janeiro, RJ, 2.3, 05 de ago. 2005. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/ojs/viewarticle.php?id=57>> Acessado em: 05 de janeiro de 2016.

MILLER, Alice. **O drama da criança bem-dotada: como os pais podem formar e (deformar) a vida emocional dos filhos**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 1997.

OAKLANDER, Violet. **Descobrimos crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. 17. Ed. São Paulo: Summus, 1980.

PERLS, Frederick S. **A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia**. 2. Ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011.

_____. **Gestalt-Terapia Explicada**. 11ª. Ed. São Paulo: Summus, 1997.

PERLS, Frederick S., HEFFERLINE, Ralph., GOODMAN, Paul. **Gestalt-Terapia**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 1997.

POLSTER, Erving, POLSTER, Miriam. **Gestalt Terapia Integrada**. São Paulo: Summus, 2001.

QUADROS, Laura C. T. “Função e disfunção de contato”. In: D’ACRI, Gladys, LIMA, Patricia, ORGLER, Sheila (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2012.

RANALDI, Claudia. “O árduo caminho de crescimento para a criança tímida”. In: ANTONY, Sheila (Org.). **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010.

RIBEIRO, Jorge P. **O Ciclo do Contato: temas básicos na abordagem gestáltica**. 6. Ed. São Paulo: Summus, 1997.

_____. **Gestalt-terapia: refazendo um caminho**. 7. Ed. São Paulo: Summus, 1985.

SÁ, Roberto N. “As influências da fenomenologia e do existencialismo na Psicologia.” In: JACÓ-VILELA, Ana Maria.; FERREIRA, Arthur A. L.; PORTUGAL, Francisco T. (Org.). **História da Psicologia: Rumos e percursos**. 2. Ed. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.

SILVEIRA, Teresinha M. Caminhando na corda bamba: a gestalt-terapia de casal e de família. **IGT na Rede – Revista Virtual**, Rio de Janeiro, n.3, ano 2, 2005. Disponível em: <<http://www.igt.psc.br/Artigo>>. Acesso em: 22 de fevereiro de 2016.

_____. “Contato”. In: D’ACRI, Gladys, LIMA, Patricia, ORGLER, Sheila (Org.). **Dicionário de Gestalt-terapia: “Gestaltês”**. 2. Ed. São Paulo: Summus, 2012.

TEIXEIRA, Elizabeth. Reflexões sobre o paradigma holístico e holismo e saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v.30, n.2, p.289-90, 1996.

TELLEGEN, Therese A. **Gestalt e Grupos: uma perspectiva sistêmica**. 5. Ed. São Paulo: Summus, 1984.

YONTEF, Gary M. **Processo, diálogo e awareness: ensaios em Gestalt-Terapia**. 3. Ed. São Paulo: Summus, 1998.

ZANELLA, Rosana. “A criança que chega até nós.” In: ANTONY, Sheila (Org.). **A clínica gestáltica com crianças: caminhos de crescimento**. São Paulo: Summus, 2010.

ZINKER, Joseph C. **A busca da elegância em psicoterapia: uma abordagem gestáltica com casais, famílias e sistemas íntimos**. São Paulo: Summus, 2001.